UM LANCE

«JULIO DE MATOS» NA CASA DE ORATES. COMENTARIOS E REPLICAS DE «DA CUNHA DIAS»
DEPOSITARIOS: FRANÇA E ARMENIO — LIVREIROS-EDITORES
ARCO DE ALMEDINA, COIMBRA

1919

ECIT

UM LANCE

«JULIO DE MATOS» NA CASA DE ORATES. COMENTARIOS E REPLICAS DE «DA CUNHA DIAS»
DEPOSITARIOS: FRANÇA E ARMENIO — LIVREIROS-EDITORES
ARCO DE ALMEDINA, COIMBRA

1919

Ao Fernando Pessôa, estas páginas violentas do mais intemperante dos seus amigos.

UM LANCE

1917 - XI

Propriedade do auctor

Advertencia

Depois do presente volume — *Um Lance* — estar paginado surgiu uma proposta para cedencia ao Ministerio da guerra para servico do Estado Maior do material e dos oficinas da Empresa Popular Editora.

A chave, e por consequencia o material typografico, distribuido, deveria ser entregue no dia 8, o Dr. Da Cunha Dias estava fóra de Lisbôa e só devia regressar em meado de julho. No bom desejo de ultimar não só o precedente volume mas outras obras começadas, com o fim de satisfazer todos os compromissos anteriormente tomados, deram as folhas de—*Um Lance* entrada na maquina sem revisão por parte do seu auctor, e precipitadamente.

A grande soma de erratas, a falta de unidade ortografica, e o exagerado numero de erros typograficos são a consequencia dessa precipitação.

Póde alguem mais exigente atribuir as deficiencias materiaes, que são producto das circunstancias, a incuria, mas não poderá legitimamente atribui-las ao seu auctor.

A tiragem de—*Um Lance* foi de 4.000 exemplares, e assim seria demasiado penoso readita-lo inutilisando todo o papel impresso.

Esta advertencia será impressa em papel de côr afim de não alterar a numeração do livro.

Na pagina seguinte corrigem-se só as erratas que alteram o texto. Notar todas seria fazer um novo livro.

14-VII 1919

Pela Empreza Editora Popular

Estevão de Carvalho

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pagina	Linha	Onde está	Deveria estar
7	12	Concedeu-ma	Concedeu-mo
15	19	peixes-sapinhos	peixes-sapinho
20	2	ram	vam
20	12	puzesse	opuzesse
22	15	A'	A's
23	1	meliciano	miliciano
22	30	meu	bom
30	3	20	21
45	2	21-1-918	21-6-918
47	30 (1.ª coluna)	a *Opinião*, o *Liberal*, a *Lucta*	*Opinião*, a *Lucta*
«	22 (2.ª coluna)	*malgré out*	*malgrétout*
54	2 (2.ª coluna)	vol a	volta
»	10 (2.ª coluna)	Talvez	(Talvez
»	13 (2.ª coluna)	inspecto	inspector
»	30 (2.ª coluna)	Embora	embora
59	19	con-cludente	concludente
»	17	siencia	sciencia
68	31	falo	fala

UM LANCE

«JULIO DE MATOS» NA CASA DE ORATES: COMENTARIOS E REPLICAS DE «DA CUNHA DIAS»
DEPOSITARIOS: FRANÇA E ARMENIO — LIVREIROS-EDITORES
ARCO DE ALMEDINA, COIMBRA

1919

A MEU FILHO

NUNO DA CUNHA DIAS PEREIRA E D'ALMADA

OFEREÇO AS ORELHAS DO
RAPOSO, TROFEU DA MON-
TARIA, PARA BRINCAR.

Mas ainda!—exclama o Leitor. Ainda e sempre; comecei, acabo. Eis tudo!

E eu lhe digo que, em verdade, pouco me importa, nada me interessa directamente o sr. Julio de Matos e mais os outros.

Os meus adversarios...

Eu não venho combater uns sujeitos que ao abrigo duma traição, facilitada por uma lei iniqua, me pretenderam sepultar em vida encerrando-me na cela de um manicomio. Numa hora de decisão libertei-me, e a minha vida—(concedeu-ma Deus para que a ninguem a devesse!)—defendia-a na firmeza dos meus punhos a golpes de audacia.

Os meus adversarios...

Favorecidos pelo numero, andam para aí numa difamação tôrpe, mascarando o receio inquietante da liquidação em arremedos de força, encostados uns aos outros no temor da propria fraqueza.

Os meus adversarios...

Eu não venho a combater uns sugeitos, são

onze!, que em circunstancias de vantagem não tiveram a energia precisa para me liquidar a mim.

O caso é outro:—

A' campanha que eu uma victima do Decreto de 11 de Maio travei contra este decreto, a mais iniqua, a mais infame das leis, convêm que os artigos que seguem sejam reunidos em livro como complemento que são ao meu volume —Sobre um Decreto.

Quanto a mim, para o desforço que poderiam significar, sobejamente bastaria a larga publicidade dos jornais em que foram inseridos.

E convem, é o momento de esclarecer que não ganho. Nenhuns interesses me adveem da substituição do Decreto de 11 de Maio.

De quando em vez ha uns sugeitos, extranhos ao negocio dos outros, que fazem uma especie de oposição como se de uma decente regulamentação das admissões em manicomios me viessem mundos e fundos.

Não ganho, pelo contrario, gasto esforço, tempo e dinheiro. E' assim mesmo!

Victima do Decreto de 11 de Maio eu por força propria defendi-me, e tão rija e tão longe foi a defeza que hoje constitue uma especie de imunidade. Pela energia da minha defeza, sem auxilio de outrem, vacinei-me. Comigo nem o Decreto, nem os psychiatras querem nada.

Eu não ganho, mas ha quem perca com uma limpa e liberal regulamentação do assunto. E' assim!

O Decreto de 11 de Maio tem sido um bom arranginho para a vidinha de muita gente. Serve muito interesse escuro.

O Decreto de 11 de Maio da auctoria do sr. Julio de Mattos, que o impingiu ao Governo Provisorio abusando da confiante boa fé de um ministro, é uma tragica ameaça suspensa sobre as liberdades individuaes. E' isto!

E depois quem entra num manicomio gasta-se por lá. Uma fuga é coisa muito mais dificil do que parece.

Fique-se o Leitor com esta!

DA CUNHA DIAS.

ESCLARECE-SE O LEITOR SENDO ADUZIDAS AS RAZÕES QUE AO AUCTOR ASSISTIAM E O DETERMINARAM AO LANCE; E TAMBEM SE LHE EXPLICA COMO SE ENXOTA DO COVIL UM RAPOSO MATREIRO.

A' minha campanha de imprensa correspondeu, da parte dos interessados na existencia do Decreto de 11 de maio de 1911, o mais absoluto silencio.

Os meus adversarios aproveitaram entretanto a absorpção da minha actividade para ensaiarem mais uma vez a minha liquidação. Tentativas de ataques violentos, de envenenamento, de descredito, falharam sucessivamente. Tudo falhou.

Mas á minha campanha de imprensa serena, firme, sistematizada, ninguem respondeu.

Foram vinte e dois artigos publicados todos em primeira pagina no *Seculo*, *Lucta*, *Liberal*, *Monarquia*, *Opinião*, *Portugal*, *Vanguarda*. E ninguem retorquiu.

E o Julio de Matos, auctor dessa preciosidade arqueologica que é o Decreto de 11 de maio manteve tambem o mais religioso silencio.

Mas... mas não era só a minha opinião, e seria o bastante. Não era só a minha opinião, era tambem o parecer do professor Rocha Saraiva (*Seculo* da noite de 21-III-1917, 1.ª pagina, 3.ª e 4.ª colunas), era o parecer do professor Abel de Andrade (*Seculo* da noite 3-IV-1917, 7.ª coluna, 1.ª pagina), era o parecer do professor Abranches Ferrão (*Seculo* da noite de 12-V-1917, 1.ª pagina, 6.ª e 7.ª colunas), e ainda a do professor Fernando Emidio da Silva (*Seculo* da noite de 30-IV-1917, 1.ª pagina, 7.ª coluna), da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

E mais! Foram as palavras proferidas na sessão da Camara dos deputados, de 18 de maio de 1917, pelo Dr. Joaquim de de Oliveira, e as bem precísas afirmações do Dr. Brito Camacho. E ninguem retorquiu.

Um dia trouxeram-me a informação de que um discipulo

dilecto do «sabio», um menino das «medecinas» se dispunha a vir a publico em defeza do mestre. Mas passaram-se os dias, semanas, começáram de passar-se mezes, e o pequeno não deu, certamente por prudencia, sinal de vida.

Eles tinham-me vontade e... medo!

Vontade, desejo ancioso mesmo, de se justificar do ignobil plagio da lei franceza—não se assombre o Leitor!—de 1838 afeiçoada habilmente,—é justo confessá-lo!—para que mais facil seja a pratica de um crime, se o tinha o Julio de Matos!

Porém não lhe era possivel rebater as minhas afirmações em que me sobeja razão a mim, e lhe falta a ele competencia. E receiava...

A minha campanha contra o Decreto de 11 de Maio prosegue, serena, tenaz. E na sombra, baixinho, os meus adversarios vão aproveitando a abertasinha para uma difamação canalha em que só a estupidez imbecil iguala a torpeza.

Vontade de vir a publico reconquistar o mal parado prestigio liquidando-me não lhe faltava, nem lhe faltaram tambem os incitamentos dos outros. Mas a razão pode muito, e receiava...

Vaidoso como todos os mediocres, enfatuado, apezar de lhe branquejarem os anos nos escassos cabelos que lhe restam, dá-se ares acatitados de artista laureado, e era sempre certo, ás tardes, ou na Baixa fazendo a R. do Oiro, ou subindo o Chiado com seus ademanes janotas, olhando as mulheres.

Fez em Março um ano o «*Sobre um Decreto*» sahiu do prélo, e ao Julio de Matos deu-lhe o sumiço. E já não sobe o Chiado de cuia e capindó, e já não olha as mulheres, pelas tardes.

Mas a campanha de difamação, inconsistente, não deixando terreno firme para um ataque decisivo, vaga, imprecisa, muito torpe e muito reles, a campanha de difamação proseguia.

E meninos das «medecinas», na exhibição da facil sciencia

de mesa de café, desfiavam ante a estarrecida credulidade da parvoice indigena os sintomas da minha loucura... lucida!

O que para todos é simples, neste dia á dia da vida, tornou-se para mim tragicamente dificil.

Passam, no seu rosario de dôr, os dias de torturada angustia, as anciosas horas de duras privações.

E acima das horas que passavam, experimentado pela vida o preciso para bem saber que uns dias passam e outros dias veem, medi o lance.

Na rapida meia hora que, em agosto de 1916, nos falámos fiquei conhecendo o que me restava conhecer do Julio de Matos — o fisico.

Conhecia-lhe os livritos, que nada valem, que nada são; conhecia-lhe a vida que é uma vergonha, mas não o conhecia a ele.

Vi-o. E não me causou estranheza o verificar que tinha mãos de *peixe-sapinho*.

Lá na minha terra — Eu sou de Sintra! — áquele girinio da rã que pelas primaveras povôa os charcos em cardumes, chamam os saloios, meus patricios, os *peixes-sapinhos*.

O bicharôco move-se por meio de umas barbatanas lateraes, embrião de umas futuras manapolas, em que parecem espetados uns deditos, informes e desproporcionados, em relação ao restante dos membros, quasi proximos da sua fórma definitiva.

Pela minha vida fóra tenho encontrado varios sujeitos com as mãos do *peixe-sapinho*. São umas pessoas arrangistas, metediças, viderinhas, a quem a natureza cautelosa empresta uma certa actividade, por aquelas, talvez!, mesmas sabias razões por que se determinou ao conceder espinhos agressivos ao pacifico ouriço, e azas velozes ás moscas impertinentes.

Deante de mim o afamado homem de sciencia olhava me, atravez de umas lunetas amarelas, muito senhor da sua importancia, com aquele olhar imperativo dos bonecos dos anuncios americanos: — *eu ensino como se vence*; *as pilulas taes são as melhores*. O patetinha!

O «sabio» inquiria, repimpado, imponente, e com minucia, atentamente, examinei-lhe as mãositas de dedos enfesados com unhas mal formadas.

Empertigado, importante, ele observava, e eu, entretanto concluia: — Estava certo!

Conhecia-lhe os livrinhos, os recantos escuros da biografia suja, e uns e outros condiziam com aquelas mãositas para mim desconhecidas até então. Estava certo!

A mesma afogueada pressa que as obras de descosida prosa revelavam, o mesmo mal contido desejo de marinhar, de se fazer passar por seductor, por homem preferido, não destinguindo entre a correção e a baixeza, entre a infamia e a virtude, estava ali coherentemente documentado naquelas mãosinhas de dedos imperfeitos com mal formadas unhas. Mãos enfezadas de uma gestação incompleta, mãos de sete mezes, mãos de *peixe sapinho*.

O «psychiatra», pavoneante, sacudindo a cuia, mirava ainda com o mesmo olhar imponente, emquanto, revolvendo reminiscencias de passadas leituras, intimamente o absolvia dos crimes e das parvoiçadas.

— Se é um féto, Senhores!

Apesar de tudo, da tenacidade e da energia da campanha de imprensa levada a cabo em sete jornais de politica tão diferente; apesar de tudo, da larga publicidade ao meu volume —

«Sobre um decreto»—que os maiores sacrificios e penosas privações permitiram realisar, a opinião publica era contra mim.

Arredado por determinação propria, após o advento da República, das lutas da propaganda, sofria de uns a repulsa pelo meu passado, os outros recebiam-me com friêsa pelo receio de concorrencia, e em volta de mim cavava-se o isolamento, na hora bem dolorosa da minha vida em que tornava ao combate, esmagando em sacrificio a melindres de orgulho os ultimos ressentimentos de uma cilada infame.

E vim, por coerencia com as afirmações de um passado, de alma bem erguida defender com firmêsa em nome dos principios de Liberdade os direitos de todos. E a opinião dos outros era contra mim.

Para o meu amôr proprio de orgulhoso pouco ofendia o não reconhecimento do serviço que aos interesses de tôdos vinha de prestar, e para satisfação de vaidades — Se as tivesse! — sobrava o decidido aplauso da quasi unanimidade da imprensa do meu paiz.

Mas era sangrante a minha revolta contra a torpêsa de uma difamação cinicamente sistematisada, que nem ao menos poupava á escorrencia do chiqueiro o nome de meu Filho.

E êsses todos, a quem vinha de sacrificar energias, e por quem sofria tormentas e trabalhos, eram os mesmos que alastravam, difundiam até ao prejuiso de interesses essenciais da minha vida, as insidias e baixas calunias de uns adversarios tão reles!, que nem o avantajado numero dêles me dá honra.

E apesar de tudo a opinião publica era contra mim.

E como ultimo argumento, como prova plena para uma suprêma decisão—tão longe ia a fatuidade dos julgadores—dizia-se, pairava um nome—Julio de Matos!

A opinião publica mal julgava o alevantado desinteresse da

minha campanha contra o decreto de 11 de Maio, e os meus adversarios socorridos da ajuda dos pretensos psiquiatras que serviram os seus fins declarando, aqui ha dois anos, a minha *incuravel e perigosa loucura,* bolsavam sobre o meu carácter enxovalhantes calunias, e de envolto com élas, pretendendo-se denegrir o meu, era lançado aos ventos o nome —Julio de Matos!

E eu tinha pena dele...

Habituado por dever profissional e por interesse de observador curioso a lidar com bandidos, a mergulhar a dentro da alma deles, a profundar-lhe o intimo da consciencia, os escaninhos das determinações, eu tinha pena dele.

Ha pruridos de orgulho na alma dos canalhas; soluça, vibra, por vezes em requintes de sensibilidade o coração dos assassinos!

E eu tinha pena dele...

Pobre mediocre esmagado por uma ambição desmedida que uma grande vaidade aquece e impulsiona, os acasos da varia fortuna guindaram-no ás alturas, e a sua vida toda é uma pagina de doloroso sofrimento. Não o fortalece uma fé que o tornaria um são; falta-lhe uma vontade que o faria um cinico. Na sua consciencia bradam acusadores os remorsos dos crimes que tem praticado, a sua vaidade gananciosa impede-o de se corrigir ou de se justificar.

E, no meu caso, eu dei-lhe tempo. Se tinha pena dele...

A opinião habilmente escamoteada, formados aqui e além pequenos nucleos de difamação contra mim, erguia ás nuvens o nome do pateta.

Conhecia-o, medi o lance. Tão simples!

O «*Sobre um Decreto*» apareceu em principios de Março, e era o chefe da redacção do jornal a «*Situação*» um velho amigo, o Arnaldo Pereira, que uma noite nas oficinas do «*Seculo*» fez a minha apresentação ao Botelho Moniz, como eu antigo aluno do Colegio Militar. Ao Botelho Moniz agradou a audaciasinha de forçar a um combate de frente o capataz-mór dos meus difamadores. Tanto mais que junto dele haviam ensaiado o meu descredito, e foi com surpreza que verificou tratando-me, quanto era infame a covardia dos outros.

As calumnias foram tão tôrpes, ha tanta vileza nas infamias deles, que tenho contado com algumas amizades, por revolta. Os falsos, os videiros, os reles vão-se, afastam-se; os leaes, os arrojados, os de alma sã veem, aproximam-se. Selecção que devo á estupidez dos meus adversarios.

Mas por ali estava bem. Restava o outro lado.

Ao Dr. Brito Camacho que atravez de todas as insinuações, —eu sei!—me tem distinguido com o favor da sua amizade pedi demorasse o acusar a recepção do meu livro e que ao faze lo tornasse publica a minha inscrição na «União Republicana». Na *Situação* solicitei que não acusassem a recepção do meu livro, e ao administrador daquele jornal meu amigo Joaquim Durão pedi a publicação de dois anuncios do «*Sobre um Decreto*».

A referencia da *Lucta* sahiu em 20 de Abril, a *Situação* começou publicando anuncios ao meu livro em 21. E pronto! O tempo, que até faz grelar as batatas, faria o resto.

Marcada a aparente indiferença da *Lucta* eles iriam lá e foram, mexeriam no *Seculo*, mexeram, mas deixavam-me, sem esforço maior da minha parte, as colunas da *Situação* onde, com

as vantagens da sua elevada tiragem acrescidas das que resultaram de ser então o orgão oficioso do governo, poderia á vontade cortal-os ás tiras, se tanto fosse preciso.

Nem a *Vanguarda*, nem o *Liberal*, nem a *Lucta*, nem a *Opinião*, nem mesmo a edição noturna do *Seculo* atingia ao tempo a tiragem da *Situação*.

E quasi todos os outros jornaes, uns pela sua indole, outros pelas muitas sympatias que por eles tenho, ou por aquelas que de lá me dedica, um ou outro, não me ofereciam firme confiança para uma hora dificil.

Não esperava, de verdade, que o «Matitos», ou qualquer dos outros me puzesse seria resistencia. Eu tinha por mim a razão, e as minhas qualidades, mas acautelando sempre...

Parvamente, que é desde o começo do mundo a maneira como raciocinam os parvos, o Julio de Matos e mai-los outros quando, após lisongeiras e penhorante referencias de varios jornaes, a «*Lucta*» surgisse declarando haver recebido o livro tal do seu correligionario fulano, tomariam a demora por indiferença, e a referencia da minha filiação partidaria com unica razão determinante do aplauso ao meu livro. Para mais o silencio da «*Situação*» deveria ser para eles manifestação de hostilidade.

De facto uma manhã, á esquina da estação do Rocio, encontrei o Cebolinhas (1) que, radiante, chocarreiro me cumprimentou:
—«Sr. Doutor!»

E' claro que me sorri e continuei o meu caminho, Avenida acima.

---

(1)—O medico Luiz Cebola, director clinico do manicomio do Telhal. Trateio-o sempre durante o periodo do meu sequestro n'aquele manicomio por Cebolinhas e de tal maneira me habituei que me não dá geito trata-lo de outra maneira. Perdoe-me o Leitor

O Leitor assomadiço exclama:—E o senhor não lhe esmurrou o focinho!

E eu pergunto ao Leitor:—Para quê?

Convenha comigo que não é preciso mais do que a meia folha de papel selado contendo a minha queixa contra os autores, cumplices e encobridores do meu sequestro, e essa está em juizo. Foi apresentada no fôro competente, Sintra, em 7 de agosto de 1917.

O Cebolinhas estava satisfeito, e sorri-me e segui o meu caminho muito satisfeito tambem com a satisfação do Cebolinhas, que me vinha mostrar a certeza do exito do lance.

Supunham-me vencido. Parvamente, é claro, porque nada tem o crime de carcere privado de que fui vítima, e em que eles são réus, com o decreto de 11 de maio, nem as muitas patifarias que se cometem por não haver uma séria fiscalisação dos internamentos em manicomios,—como é bem de vêr!—me prejudicam em qualquer coisa.

O Cebolinhas estava contente e eu tambem, porque decerto o Julio de Matos devia participar de egual contentamento.

Mas,—Não ha formosa sem senão!—no corpo de redacção da «*Situação*» não havia ninguem que podesse entrevistar o Julio de Matos, excluido o Arnaldo Pereira por haver assinado a referencia da «*Vanguarda*» ao meu livro. Eram uns rapazotes que não serviam.

Correm assim longos dias até que em 18 de junho a entretrevista se realisou, e o grande "sabio" bolsou varios insultos, com aquele mesmo escrupulo com que tempos antes havia aos seus alunos esmiuçado os symptomas desta minha loucura.

Adoravel, este Matos!

Sim, o patife ante os seus alunos tratou do caso da minha *incuravel* e *perigosa* loucura como se eu fosse objecto de estudo, e é cêdo para se me fazer a autopsia...

Adoravel este Matos!

E mal sabe êle o trabalhão que me deu... O Botelho Moniz e o Arnaldo Pereira não queriam publicar a entrevista, e o Afonso de Bragança que a realisou recusava-se a escreve-la tambem precisamente,—oh, adoravel Matos!—, porque continha uma série de insultos contra mim.

A entrevista foi inserida na *Situação* de 19 de junho, e no mesmo dia, á tarde, a *Lucta* anunciava que eu ia responder pela imprensa.

No dia seguinte a *Situação*, na primeira coluna da segun da pagina, como quem não dá ao caso igual importancia—na segunda pagina, mas sempre dando alguma—na primeira coluna, informava haver recebido uma carta minha sobre o assunto da entrevista.

A' 9 da noite fui á *Situação* — nada! O Julio de Matos não tinha rectificado coisa alguma.

Estava fixado o terreno do combate, em que eu, como de costume, bati forte, e o Matos levou, coitado.

Em 21 a *Situação* na primeira pagina, numa das minhas colunas predilectas, a setima, publicava a minha resposta a que dei a forma de carta.

Este meu artigo veio paginado a uma columna por imperiosa necessidade de espaço, os jornaes da manhã, sendo ao tempo, ás terças e sextas, de duas paginas por determinação da lei.

Em 25, esperando um dia de 4 paginas dos jornaes da noite, a *Lucta* inseria um artigo mais, e no mesmo dia, era publicado outro no *Liberal*.

Um soco da esquerda e, para endireitar, logo outro da direita. E' o meu systema.

O Matos ficou se, os outros quatro psychiatras que, vae para

tres anos, atestaram—(quando eu era maluco... meliciano)—a minha perigosa e incuravel loucura, tambem não mexeram.

Não era preciso mais!

Adeante, no capitulo seguinte, são reproduzidos os numeros dos jornaes que inseriram os meus artigos, e de seguida no outro capitulo transcrevem-se, as referencias de imprensa que prepararam a entrevista, esta, a que Afonso de Bragança deu uma bela fórma literaria traçando-a com o seu estylo facil e rico, e ao depois as minhas replicas, em que, como acima disse, dei e o Matos levou, e calou.

Mas fala baixinho, ainda. E uns *meninos das medicinas*, uns *garotelhos*, sem categoria para serem objecto de discussão, espalham aleivosias, difamam, calumniam....

Leitor!

Se em si ha sentimentos de piedade, se um pouco de comiseração, por momentos, de entre este rude batalhar da vida, se alberga e enternece o seu coração, diga a esse pobre idiota que mande calar os petizes.

Bati-lhe por culpa deles. Falou, disse com grandes ares tolices aos pequenos, aos patetinhas que o admiram, esforçou-se por fazer opinião contra mim, deu-se atitudes pretenciosas de combatente, agarrei-lhe pelas orelhas, exhibi-o deante do publico, e sovei-o.

Mas tenho pena dele...

Numa hora tremenda da minha vida, cinicamente, cruelelmente, esse miseravel, impassivel ante a minha dôr de tão funda ferida que, tres anos depois, ainda sangra, condenou-me á morte. Os criminosos eram os outros, ele condenou-me a mim.

Friamente, cruelmente, sem um engulho de consciencia, a soldo dos outros, esquecida a dignidade profissional, proferiu a sentença de que se não apela—loucura perigosa e incuravel, arvorando-se em juiz de irrevogaveis decisões.

A morte lenta, aos trint'anos na cela de um manicomio, e o meu nome limpo que a minha vida inteira enobrece, caindo como um enxovalho de ignominia sobre o berço do meu Filho.

Sem ele, os outros nunca poderiam ter consumado o crime que praticaram; se ele fôsse um homem digno, ou fôsse um homem inteligente, tinha embolsado o dinheiro e tinha me salvo, se fôsse um homem de bem, ou se fôsse um homem inteligente.

E não lhe quero mal, tenho pena dele.

E' um canalha, é um miseravel, porque é estupido. Os estupidos são sempre maus; praticam o mal, porque não alcançam o bem.

E' um cinico, é um cruel, porque é um fraco, um rachitico. Os fracos são sempre crueis, a clemencia é apanagio dos fortes.

Eu não lhe quero mal, porque o desprezo, e deprezo-o porque o não receio. Ele odeia-me, porque me teme.

Leitor, peço-lhe, diga a esse pobre idiota que lhe não quero mal, e que mande calar os petizes.

Entre mim e entre ele, entre mim e entre os outros, ha só —meu Filho. Prejudicaram no seu nome o Pequenino, que nada tem com a contenda, lezaram-no nos seus interesses despedaçando-lhe a vida do pae. Prejudicaram, indemnisam. Mais nada!

Leitor!, diga a esse imbecil que não tenha a veleidade de se medir comigo, porque é burro. Ser mau, ser pulha não basta, é preciso ter força. E é precisamente o que lhe falta a ele—a força.

Leitor, diga a esse imbecil que é muito mais burro do que um penedo, mais estupido do que os burros na minha terra.

Se um pouco de inteligencia lhe houvesse tocado de entre

as muitas prendas com que a natureza generosa e larga, apezar da pressa dele, o brindou ao nascer, ou se um pouco de escrupulo honesto lhe sopeasse a vaidade, todo o meu ardil, que uma astuciosa minucia preparou, teria resultado num insucesso.

Para me combater, o idiotasinho, praticou, ante a opinião publica, graves crimes, que a lei severamente pune — quebra de reserva profissional, e difamação.

Em vez de mostrar uma imparcial indiferença, para me combater, insultou, mostrando-se ás escancaras, aos olhos de toda a gente, o que é — um criminoso reféce.

E sem um escrupulo, sem uma deferencia ao menos! supoz rebater opiniões fortemente deduzidas pelos professores Rocha Saraiva, Abel d'Andrade, Abranches Ferrão, Fernando Emygdio da Silva com um vão palavrorio sem base.

Sobre um ponto de direito, ele, o pretenso capataz das «psychiatrias», gratuitamente, de animo leve, afirmou o contrarío do que professores distinctos de Direito haviam publicamente afirmado!

Patetinha, confunde as espertezas de uma charlatanice loquaz, com o exercicio divino do pensar!

A inteligencia manifesta-se mais pelo que cala, do que pelo que diz. Pensar, exercer a inteligencia, impõe a abstracção, que no corrente comesinho da vida significa reserva, e no dominio das realisações se traduz em inhibição.

Ante os livritos dele, ser inteligente é não os escrever; escreve-los é ser burro.

Coitadito! E' como os burros da minha terra: —Viu poeira espojou-se.

E andam para ahi os "petizes" alastrando o enxurdeiro da escorrencia dos meus adversarios, assoprados pelo «sabio», estimulados por ele, supondo quebrantar a minha firmeza, ou poder influir nas minhas resoluções.

Ele assola os petizes, e um dia acordo de mau humôr, aborreço-me, e acabo-o.

Leitor, bem vê!, eu não hei de errar por ahi á cata dos pequenos, e depois, com o rapazio a fazer um grande escarcéu, vir Lisbôa em fóra, os pequenos num molho seguros pelas orelhas, á procura de uma sargeta bastante larga para lhes enfiar de uma vez a cabeça de eles todos!...

Um dia aborreço-me—isto já me vae fazendo nauseas!—acordo de mau humôr e acabo-o.

Ele anda cá fóra, ha trinta e tantos anos!, emporcalhando uns e outros, sem uma restea de consciencia, intrometendo se no que lhe não respeita, calumniando, medindo tudo pela bitola estreita dos seus lucrosinhos, dos seus prazeresinhos, sujando todos por quem passa.

Um dia aborreço-me, e acabo o de vez. A minha piedade tem seu fim.

Ele anda cá por fóra ha trinta e tantos anos, á solta. Decido-me, e é de vez.

Estendo o meu braço—escusa de se esconder!...—agarro-lhe com o meu gadanho forte por uma orelha, e nada lhe vale.

Ha 60 anos, ou mais, que ele anda cá por fóra, ha trinta, pelo menos, que anda a fazer asneiras. Basta!

Póde espernear á vontade, que nada lhe vale.

Agarro-lhe bem por uma orelha, e meto-o no frasco. Vae para o alcool!

O féto!...

MOSTRA-SE COM O AUXILIO DE GRAFICOS DE COMO SE APANHA O RAPOSO, SE LHE CORTA A FUGIDA, E SE TIRA A PELE AO BICHO, E DO MODO PORQUE SE LHE FAZ.

De facto a *Luta* inseria no seu numero 4322 de 20 de Abril de 1918 o artigo que abaixo se reproduz, e adeante se transcreve:—

12.º ANO—Numero 4322 Lisboa, Sabado, 20 de Abril de 1918 Numero avulso, 2 centavos

JOSÉ BARBOSA, Director

Redacção, administração, Composição
Largo do Pelourinho, 17 (Palacio Assumpção)
Telephone—Sul e Sueste, 199

Endereço telegraphico: ACTUL — Lisboa

Propriedade de JOSÉ BARBOSA & C.ª

E. Siqueira, administrador e editor

Todos os correspondentes relativos á publicação, assim como os originaes devem ser dirigidos ao administrador

Assinaturas

Redacção e Gerencia, 2152 — Administração, 2159

A LUCTA

O PRESIDENCIALISMO

Os monarquicos portuguezes, chasfiados por um representante do sr. D. Manuel, escolheram para seu candidato á Presidencia da Republica o sr. Sidonio Paes.

Aderem por esta fórma á Republica?

Dizem eles que não; mas os actos valem mais que as palavras, e pois que eles garantem com os seus votos a eleição do sr. Sidonio Paes, é porque aceitam a Republica, ligando-se tão intimamente a ela, que até resolvem sobre a sua modalidade, presidencialista e não parlamentarista.

Monarquicos em casa e republicanos nas urnas?

Lá por fóra

Atrojam-se um pouco a luta na frente occidental, o que tanto pode ser devido a luz ser limitada a transitoria por causa do dia Alcados, como a luz diminuta e obscura por haver dois climas. Continua a batalha, sem nem mesmo intensidade do dia mortuoso primeiro fim, duelos, um mesmo vocabulario do que ha duas semanas.

Querem isto dizer que o golpe falhou?

Creio assim seja; mas devemos estar preparados para uma reincidencia de luta, um novo ingente obstaculo, que obrigue os Alliados aos esforços mortaes. Os alemães não pregam a sua gente; guardo-lhes um objectivo, fornecendo-a apenas de saber se ele é realisavel, isto é, se ou quaes os que dispõem podem levar a seu resultado.

A perda de grandes elementos?

Esta consideração é para nós de importancia secundaria, lastimavelmente por consideral-a que é só para nascer e morrer que se outra as guerras e que os paga das armas, sempre, de boa ou de má sorte, ganhar muito não se pode ser-lhes pedido.

"E os quatro annos que ha para a guerra, a não ainda se dado ter que fechar a chave e ir-nos, se boa, da mesma forma que hoje?" em 1914, todos eles a reportavam-se a nascer. E isto que para ele ainda agora, Alemanha, Europa central e oriental, vão pugnar, vão morrer as suas tropas, que a defesa russa tenha despertado, assim, que a luta não deixa de ter a maior importancia, qualquer que seja a solução que sobporte.

A America continua os seus preparativos militares, o dizem-se jornaes, com a diffusão que a vaga lhe dá, que já tenham chegado tres de mil, pelo menos, tropas ao solo francez, sem surriguidas de tropa a respeito exercito.

Ao os imperios finalmente em scenario, e a America não tinha entrado na outra em guerra. Para mais outro a Russia e a Allemanha ha uns poucos de milhares de quilometros de distancia, casi como de parsipo, que não pode ser permittido aos seus mais caros soldados.

Posto é que ainda não te chegado aos campos de batalha alguns dos muitos milhões de soldados que a America prepara, porque sáe regulares diversos destes, tendo-se quasi todas as vantagens que os alliados teem de seu lado: a fresca.

Chegarão a tempo?

Ordeio bem que sim, sendo mesmo que os demonio. Os Alliados já mostraram que são capazes de muito resistencia, a sua frente, como uma linha festival, cedendo aqui e alli, onde o soldado é mais, mas sabendo-se limites do seu cedendo-se-lhe mais, sem nada se quebrar.

Se soffrerem as condições de o fazer, certamente os Alliados já teriam tomado a offensiva em qualquer outro sector, obrigando os alemães a soccorrer ahi naturalmente a quota dos effectivos que ha exclusivamente accumularem em frente dos inglezes. Mas têm-lhes os alcados, ás soluções em condições de o fazer, já teem iniciado uma outra offensiva, nova prova da mesma fibra, impondo os Alliados de haverem uma divisão de tropas para accudirem ao local primeiramente ameaçado. Dado o valor da fiscalisação, vae

Falando claro

O sr. Visconde do Banho, grande valor do grande do Vinos, dirige-se assim ao sr. Sidonio Paes, grande elector de Belem.

"Os nossos amigos não tendo acceitado a sua candidatura, o que lhes não acho mal, uma dissidencia de nome, que não tem nada com os interesses do Partido, não os poderão obrigar a votar em candidatos estranhos, não quero ser, absolutamente."

Falar do Monarchismo, dirigindo-se ao Chefe do Estado, como Republica, é quasi o mesmo como que chamar-lhe tolo.

Mas não fica por aqui o sr. Visconde do Banho.

Sem grande consideração pelos talentos politicos do sr. Sidonio Paes, do qual, na vida politica do seu Pais, quasi não ha nada que não seja mero mentecapto burocratico, o sr. Visconde do Banho fala-lhe assim, sem parabens, tomando a palavra ao bom significado.

"Se o chefe do governo conhecesse o meu valor politico, não me procuraria, comprehendia que se portaria mal comsigo nas eleições, segundo o exemplo dos seus collegas monarchicos."

O sr. Visconde tem razão.

Ingressou o sr. Sidonio Paes no partido, já lá vão dez dias, e ainda do que fazer nas eleições é coisa tão facil como fazel-o? Fazer collares. Basta-lhe ser fiel toda a vida, e ainda assim chegará a ser que nem sempre o consegue.

Mas o sr. Visconde do Banho, que é um homem, deve egualmente ser fiel a um homem, a um partido. Daqui a tentativa de acquisitamente da União Republicana que, ora, nos promettera, quando assim era conveniente, ajudar-nos a ser nossos amigos e honrados, que politicamente atraiçoara, e que, com o seu valor politico quando se refere, mesmo aos homens, á tentativa de o illudir, para o que não ha nenhum partido sem, um partido que não é fiasco, que vale muito, do que a si, não vive de um apoio que lhe prestara os monarchicos.

Os seus chefes de poder podem vos ser uteis, mas não valem nada, nem politicamente nem socialmente, e, se não fosse a sua ligação com o Sidonio Paes, não valeriam nem para ser mandados fuzilar.

Portugal

O sr. Sidonio Paes, depois da Paes, entende-se a organisar um partido, e porque sem isso, em vez de ser o presidente da Republica, não passará de um rei fantoche, sem nem mesmo o logar de Salvador Marques.

Ora, o partido que quer preparar-se para ser governo, não pode ter os braços cruzados.

Lá diz o ditado: quem espera sempre alcança.

Algumas republicanas que vinham fóra dos partidos, por outro republicanismo que não o dominio a seu favorito partido, vão-se agora reunir para fazerem as suas aborrecidas de separarem pelo Monarquismo, pelo, e nesse caso, o sr. Sidonio Paes, que já nos fez pagar o todos, por mais do que valem, os beneficios do dinheiro do

Eleições

Parece que as eleições do concelho de Sete Rios só se farão depois de depois e depois e depois e depois.

EXPEDIENTE

Continuamos aceitando todas as compras e quota semestral é 1.50 esta quinzena vinte vinte e que nos pagarem.

Dr. João de Menezes

Representações e manifestações de pesar

No dia 6 falleceu no nosso amigo e correligionario Dr. João de Menezes, filho do nosso amigo e correligionario Dr. José Augusto Barbosa, José Sampaio Barbosa, José Carlos da Silva Barbosa, Augusto dos Santos Barbosa, Maria da Magdalena Pereira, casada com José Carlos Barbosa, Maria Luiza Barbosa, Francisco Barbosa, Maria Barbosa, Maria Barbosa, Maria

Emantendo silencio sobre o meu livro de que nem sequer acusou a recepção, no seu numero 16, em 20 Abril, a *Situação* começou publicando o anuncio seguinte:—

EMA DO PÃO

tomar severas medi- ia proprietarios de abandonadas

rocando de Le Journal, o Compere-Morel, comba- tura, chama eloquente- do país para o duplo enda o abandono de tor- consagradas á cultura de reis, e reclama para o urgentes, justificando do governo ao parlamen- vote, com a possivel ur- ecessarias a realisação da ão oficial por ele elabo- do organisar o augmento e dessas terras. E inte- os, que padecemos de s, registar algumas das quele economista. tu a sua ida Compere- r estabelecer a comparti- superiorias relativas aos o 1913:

ando de parte os dois a, citaremos a conclusão ere sobretudo de cereais 1 em 1917 reduzidos a ou seja um deficit total milhões e meio! cil concluir, é certo, a inuição do mão de obra, le 2.500.000 homens reve nomes, ou por conto de upregada nos campos se encontra mobilisada, pequena de adubos, vis- nte ano, a França dis- 9.000 toneladas de fertili- n anta pequena nada me toneladas, a um preço - e ainda a falta de ma- las, visto que as tropas fabrico e reparação de formadas em maunidade.

Mas uma grande parte no abandono em que está ago pelos ruraes, mu- turas secundarias do pa- os, a falta de braços no emprego da ma- e das maquinas agri- nte, em certas regiões- pleto das ferramentas de as de terreno agricul- as, e, destruindo quasi nas de outras notas de pere-Morel, pergunta se cil obter um rendimento es pantiveis com uma ganisação.

cando continuar a pro- ial de producção ou pe- elevar-se acima do nível que as terras abandona- rganisação especialisada, no tempo poderão re- apidões normaes de pro-

a identidade de clima, verificam atualmente em ão largamente ao seu fr se deve dedicar, esse

dos Recrei

e opera lyrica italiana em principio de março o dos Recreios. Pelos ro enthusiasmo de todos prevêem já as festas de vão passar se de vasto

Companhia é composta *le Sevilha, Bohême, C* ..., *Pagliacci, Gioconda, utterfly, Manon, de Mas Mignon* de Tomás, *Hi Tosca, Traviata Tro*

la primeira vez no Colis- *er de Manoscael*, em que o Schipa obteve as mais irantes ovações ao Tes 4.

otar no governo, inimigos.

Luiz Cardoso

uma das mais extraor- ondas de toda a tempo- erta de Luiz Cardoso, ro S. Luiz, que se rea- sexta-feira, 29. Na par- ntre outros numeros de são organisando, figu- certo lyrandebourgeois, grande Rosh, executada ies, confirme o pensa- excepcional e executada s notaveis artistas que guiu reunir no seu re- de novidade que ha de

VARIAS NOTICIAS

—Pelo ministerio das colonias foi aprovado o contrato entre o governo de Moçambique e a firma Smithfield, Cal- Storage & Exporte, C.ª, para o arrendamento do entreposto da Motela, em Lourenço Marques, para o estabelecimento da industria de carnes congeladas e armazens de seccos.

—Apresentaram-se hontem no ministerio das colonias o 1.º official e o 1.º aspirante telegrafo-postal da Guiné, respetivamente srs. Manuel Anes e Sebastião de Almeida.

—Foi assinado o decreto exonerando os aspirantes a milicias das colonias, graduados em alferes, srs. Anibal Alcada e Adelio Brazão, por terem sido julgados incapazes do serviço nas colonias.

—O chefe do gabinete do sr. ministro do trabalho, sr. Anibal Vaz, conferenciou hontem com o sr. ministro do commercio acerca das reclamações do pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, respeitantes a augmento de salarios.

—A Camara Regional de Agricultura da 1.ª região, Porto, pediu ao sr. ministro do commercio que seja isenta de franquia toda a correspondencia dirmanda á aquella camara e que versando pelo correio, referir-se a exposição agricola que tenciona realisar no Palacio de Cristal em setembro e outubro de 1919.

—Para cumprimento dos artigos 2.º e 4.º da portaria de 11 do corrente, o sr. ministro do interior determinou que os governadores civis lhe remetam a que se refere o artigo 3.º, se realisem na quinta-feira da respetiva semana, de modo a poder realisar-se o agrupamento do circulo no domingo immediato ao das eleições.

O sr. dr. Augusto Ferreira dos Santos, presidente da Relação de Moçambique, foi colocado no quadro da magistratura da metropole e agregado á Relação do Porto.

—Foi [illegible] para cada [illegible] de Lisboa.

O procurador geral da Republica conferenciou hontem largamente com o sr. ministro do commercio.

A' VENDA

Dr. Ludgero Dias

Sobre um Decreto

PEÇA NAS LIVRARIAS

Associação Protetora da [illegible]meira Infancia

Tres senhoras da commissão d'esta benemerita Associação promoveram uma subscrição entre as pessoas de seu conhecimento e amisade, elevando-se já a cinco mil escudos, cuja lista de subscritores começa hoje a ser publicada.

Subscreveram os srs.:

José de Cupertino Ribeiro, 50$00; Manuel Affonso Dias Ferreira, 100$00; José Rovisco Paes, 100$00; José Pereira Bastos, 100$00; Val do Rio & C.ª, 100$00; Carlos Gomes & C.ª, 100$00; Diogo da Silva & C.ª, 50$00; João Leal, 50$00; Mahoney & Amaral Ld.ª, 50$00; Portela & Moraes Ld.ª, 50$00; Julio Silva, 50$00; Izidoro José de Freitas, 50$00; Borges & Irmão, 100$00; Pessoa Santos & Viana, 50$00; Henrique de Mendonça, 50$00; Banco Comercial, 50$00; Francisco Liborio da Silva, 50$00; Custodio Perfeito, 50$00; José Pereira do Amaral Ld.ª, 100$00; Sociedade Agricola Val Pinto Ld.ª, 100$00; J. H. Totta & C.ª, 50$00; Eduardo A. Fernandes, 50$00; José Augusto Dias, Filho & C.ª, 50$00; Manuel José da Silva & C.ª, 50$00; Nunes de Carvalho & C.ª, 50$00; Tomaz da Cruz &

PROVINCIAS

O governador civil de Aveiro visita Anadia e é recebido entusiasticamente

Anadia, 25— Pelas 12 horas chegou a esta vila vindo de automovel o sr. governador civil d'Aveiro, Vasco de Quevedo, que deu entrada na sala da Camara ao som do hino nacional e ao estalejar de milhares de foguetes. Sua Ex.ª tomou a presidencia e usou da palavra para agradecer a grandiosa manifestação que lhe foi feita por centenares de pessoas. Em seguida ao agradecimento elogiou com todo o entusiasmo o acto heroico de Sua Ex.ª o Presidente da Republica.

Em frase quente e vibrante fustigou a demagogia e exaltou a boa intenção do Sr. Dr. Sidonio Pais, afirmando não ter Sua Ex.ª ambições de mando, mas reunir exclusivamente a familia portuguesa.

O discurso de Sua Ex.ª o Sr. Governador Civil que foi longo, foi constantemente cortado por aplausos, deixando em todo o seleto auditorio uma agradabilissima impressão pela sua convicção patriotica.

Em seguida falou o sr. dr. Joaquim Batista Leitão agradecendo em nome do concelho ao sr. Governador Civil a sua visita a esta localidade, pedindo ao mesmo tempo a Sua Ex.ª a sua valiosa proteção para o abastecimento de cereaes n'este concelho onde já se vae sentindo a fome. O sr. Governador Civil prometeu que iria providenciar a tal respeito, dizendo que em breve esperava poder acudir á fome que por todo o distrito se está desenrolando. Falou ainda o sr. dr. Rodrigues d'Almeida que em frase clara, correta e sincera allirmou ao sr. Governador Civil que o actual governo podia contar com o franco apoio do povo d'este concelho.

Por ultimo usou da palavra o sr. Conde d'Aguedo para aconselhar a necessidade de irem ás urnas: Sua Ex.ª demonstrou quanto isso era necessario para a vida interna como para a externa. Na ocasião presente não deve haver monarquicos nem republicanos, mas sim portuguezes, devendo todos acudir á nossa nacionalidade prestes a afundar-se pelos escandalos que os republicanos idos, que não soltam lhe teem dado. Sua Ex.ª foi muito aclamado pois tal foi o calor e convicção como falou collocando para tema o seguinte e empolgante discurso um assunto que interessa todos os bons e sinceros patriotas.

A seguir houve um almoço de cem talheres no Grande Hotel da Curia. No fim litteraes e calorosos brindes, alirmando todos os oradores, aplaudidos com calor por todos os circunstantes, mais uma vez o necessitado apoio de todos ao atual governo, acudindo assim á nossa querida patria, numa de melhor sorte. Foi termo á serie, interminavel dos brindes o sr. Conde d'Aguedo bebendo pela saude e felicidades das nossas tropas no Rheno e em Africa.

Ao almoço assistiram além do sr. Governador Civil os ex.mos srs. Comissario de Policia d'Aveiro, Administrador do Concelho d'Anadia, Conde d'Aguedo, Antonio Ferreira Tavares, Costa e Almeida Navega, Pires, Manuel Joaquim Rodrigues, e os srs. Augusto Costa, Antonio Duarte, Augusto Melo, Oscar Alvim, etc. etc.

Sua ex.ª e o Governador Civil entregou ao Presidente da Camara 20$00 réis para serem distribuidos pelos pobres da vila.

Bem haja sua Ex.ª que assim quiz perdurar a sua visita a este concelho, que segundo disse era a primeira vez que passava o torrão da Bairrada, alirmando levar saudades d'esta localidade pela carinhosa recepção, que na sua pessoa, dispensou a Sua Ex.ª o Presidente da Republica, pois de forma alguma poderia suppor que as manifestações de regosijo que todos lhe fizeram fossem á sua pessoa, mas sim a Sua o Ex.ª Sr. Dr. Sidonio Paes o que por telegrama lhe communicou.

Eram 5 horas quando Sua Ex.ª regressou a Aveiro, dando-se á sua saida calorosas vivas a Patria, ao sr. dr. Sidonio Paes e Republica Nova.—(

Petroleo

A VACUUM OIL COMPANY, para evitar pedidos, reclamações e correspondencia inutil, previne o publico de que se acabou o stock de petroleo que tinha e bem assim de que tem empregado e continuará empregando os seus melhores esforços para conseguir na-

Sport

Campeonato de Luta de Portugal

E' hoje que se disputa e Campeonato de Luta de Portugal na séde do Ginásio Club, pelas 21 horas.

A' prova, que deve ser interessante, concorrem: pelo Ateneu Comercial, os srs. Antonio Gonçalves, Eduardo Amaro da Silva, Ariur Trindade, Antonio Silva e José da Silva Carvalho, e pelo Ginasio Club, os srs. Agostinho dos Santos, José Figueira, Jorge Bento, Silva Ruivo, Pinto de Almeida, Carlos Osorio e Nathaniel Pendleton.

Campeonato de Pesos e Alteres de Portugal

Disputa-se no dia 12 do proximo mez este campeonato de força na séde do Ginasio Club

A inscrição fecha no dia 4 de Março.

Hipismo

Concurso Hipico Internacional

O sport hipico é dos que exigem maiores e melhores qualidades de coragem, de destreza e de sangue-frio. Possuem-nas em alto grau os nossos cavalleiros, sempre as possuiram e constantemente teem procurado e conseguido melhoral-as. Teem-no provado em inumeros torneios, em provas difíceis e contra adversarios estrangeiros de nomenda, aqui em Portugal e lá fóra no estrangeiro. Por isso teem fama nos mais importantes centros hipicos, fama que em breve vae ser ainda ma s justificada com a demonstração plena e emocionante que vão fazer dos seus mais recentes e importantes progressos. Está por pouco o Concurso Internacional de Lisboa; ahi, os nossos cavaleiros civis e militares, que hoje nos campos de treino fazem já maravilhas, mostrarão certamente, contra adversarios estrangeiros de valor, que os mais rudes obstaculos, mesmo aqueles em que a vida corre perigo, não os fazem vacilar.

A' los toros!

O espada José Flôres «Camará»

Cordova, terra de grandes toureiros, terra de «Lagartijo», de «Guerrita» e de «Machaquito», orgulha-se hoje de mais um ilustre lidador e destinado a uma carreira gloriosa. José Flôres «Camará» é esse bom rapaz novo mas combatedor já dos segredos da arte; com um ano apenas de noviheiro e com um mês apenas de alternativa de matador de touros, mas dominador já de toda a classe de rezes, devendo ser pela edade e pela pratica um novato, mas assombrando pela pericia de lidador e recursos largos. As empresas disputam-no, o seu nome figura ao lado dos nomes dos primeiros matadores e nos cartazes de maior importancia, e o seu trabalho é pago por todo o preço que ele exige ás empresas. No dia 5 vem ele a Lisboa, porque a empresa do Campo Pequeno deu-se gesta em apresentar o celebre toureiro. Destina-lhe a empresa touros de Assunção Coimbra: bem anda porque esses criadores são escrupulosos e devem apresentar excelentes rezes de lide.

Dois cavaleiros, alguns dos mais apreciados bandarilheiros portuguezes e os bandarilheiros da «cuadrilla» do espada completam o cartaz.

Praça d'Algés

Tem sido grande a procura de bilhetes para a corrida de inauguração da epoca que promete ser uma festa muito atraente, apresentando a empreza um programa deveras convidativo.

Realisa-se como temos noticiado no proximo domingo, 30, tendo validade os bilhetes com a data de 31 de março.

Quem faltar ás urnas, falta ao seu dever.

A abstenção n'um momento d'estes só pode representar um crime.

SEGUROS AGROS

A que se seguiu a do anuncio abaixo reproduzido; e assim alternando com o anuncio anterior, terminou a publicação no numero 31 deste jornal, em 8 de Maio:

AS ELEIÇÕES

O sr. Presidente da Republica continúa recebendo numerosos telegramas de felicitações

S. BENTO, 1—Felicito V. Ex.ª pelo seu aniversario—*Moura Junior*.

MOURÃO, 1—Pela fidelidade ao V. Ex.ª o elevado cargo para que acaba de ser acclamado, lhe envio um abraço e cordiaes felicitações.—Secretario de finanças. *Tavares Almeida*.

S. BENTO, 1—Gremio Nacional Republicano do Porto saúda calorosamente V. Ex.ª, presidente eleito pelo povo portuguez, penhor seguro da prosperidade da Patria.—Presidente da assembléa geral. *Concerço Costa*.

S. BENTO 1—Affectuosos parabens pelo anniversario do V. Ex.ª—*Joaquim Modesto Pedro*.

MACÃO 1—Felicitam V. Ex.ª pelo triunfo obtido e pelo seu anniversario—*Joaquim Figueira, Serafim Segueira, Armando Ferreira*.

CASCAES, 1—Cheio de fé saúda V. Ex.ª legitimo representante do povo resgatado em 5 de dezembro.—*Fernando Bravo*, administrador do concelho de Cascaes.

MACÃO, 1—Pessoal da administração d'este concelho cumprimenta e felicita V. Ex.ª pelo seu anniversario natalicio.—*O administrador do concelho, Manuel Agostinho de Oliveira*.

BRAGA, 1—Commissão administrativa da freguezia de Braga saúda V. Ex.ª pela eleição presidencial.

HONG-KONG, 1—Os meus cumprimentos e sinceras congratulações pela eleição presidencial. Causou satisfação geral.—*Coutinho*.

MAFRA, 1—O commandante e officiaes do regimento de infantaria 1 felicita a V. Ex.ª apresento felicitações a Sua Ex.ª, sr. Presidente da Republica, pela victoria eleitoral.—Comandante de infantaria 1. *Falcão dos Santos, coronel*.

SETUBAL, 30—Congratulo-me pela eleição de V. Ex.ª a quem foram entregues os supremos destinos da nossa nacionalidade.—*Antonio Manuel Alves*.

ROCIO, 1—Sinceros votos pelo feliz exito da alta missão de V. Ex.ª em beneficio da Patria e da Republica.—*Soares Andrez*, capitão de mar e guerra.

ESTEFANIA, 29—A commissão politica de Arroios, harmonia trabalhas eleitoraes, com a junta de parochia, felicitam V. Ex.ª, ao mesmo tempo historico e felicitam-se ainda pelo decreto sufragio universal.—*Eu por Manuel Teixeira Moraes, capitão Joaquim Lopes*.

CAMPOLIDE, 29—Secretario de S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica.—Peço a V. Ex.ª se digne apresentar S. Ex.ª, meu nome e officiaes comandados corpo tropas, felicitações pelo resultado obtido nas eleições. *Sarmento, coronel*.

LISBOA, 29—E' com o maior respeito e consideração que as telephonistas da rede do Estado em Lisboa veem saudar o V. Ex.ª o libertador da Patria Portugueza pelo triunfo tão patrioticamente alcançado, para honra e gloria de Portugal.—*Sofia Rodrigues, Maria Mendonça, Arathusa Cruz, Maria Sampaio, Luiza Sampaio, Luiza Soares, Albertina Correia, Alda Campos, Estefania Martires, Guilhermina Vitra, Angelica Oliveira*.

MADRID, 30—Respeitosos cumprimentos a V. Ex.ª.—*Bradley Leal*, secretario da legação de Madrid.

SANTA MARTA, 29—A commissão politica de Santa Sebastião da Pedreira felicita V. Ex.ª pela victoria alcançada, fazendo votos pela Republica Nova.—O vice-presidente, *Manuel Antonio Alves*.

PARIS, 29—Felicito-o calorosamente pela sua eleição, que é a consagração definitiva do movimento de 5 de dezembro.—*Bettencourt Rodrigues*.

PARIS, 29—O ministro e secretarios da extinta legação saudam respeitosamente V. Ex.ª.—*Ministro de Portugal*.

QUIRON, 1—Um grupo de admiradores de V. Ex.ª felicita o pela victoria alcançada na eleição, para que tão justamente foi eleito presidente da Republica.—*Antonio Lopes, Heitor Pires, José Dias, José Maria, Antonio Pedreira*.

S. JOÃO DO ESTORIL, 1—A nação acaba de manifestar a sua vontade firme. Ausente de Lisboa, envio-lhe meus respeitosos homenagens e cumprimento valorosamente o prestigioso Presidente da Republica Portugueza.—*Profirio Bulhão Ramires*.

LISBOA, 1—O commandante e officiaes do grupo montado C. F. G. S. felicitam V. Ex.ª—Commandante do grupo montado—*Chaque*, tenente coronel.

MANGUALDE, 30—Peticto muito respeitosamente V. Ex.ª.—*Major Cupello da Silva*, chefe do D. R. 34.

Senador pelas Associações Commerciaes

Os delegados das Associações Commerciaes da provincia reunem hoje, pelas 17 horas, n'uma das salas da Camara Municipal de Lisboa, a fim de designarem o senador que as representem no parlamento.

Nas provincias

PORTO, 4—Nos paços do concelho terminou hoje sendo alistados os respectivos eleitores o apuramento eleitoral, verificando-se ser o presidente Sidonio Paes o mais votado. Foram senadores provinciaes por

TERREIRO DO PAÇO

O sr. ministro das finanças, mandou o despacho que transferiu da alfandega de Lisboa para a do Porto, o subinspector sr. José Cardoso Pinto Monteiro, a que foi recusado o visto do conselho superior financeiro do Estado.

—Uma commissão delegada da União Operaria Nacional esteve, hontem, nos ministerios do interior e da justiça, tratando da situação de individuos que foram postos em liberdade por occasião do 5 de Dezembro, e que voltaram depois a ser presos, bem como da situação de outros individuos presos por causa dos assaltos de maio e que ainda não foram restituidos á liberdade.

—O conselho de ministros reuniu-se hontem em Belem, depois da assignatura presidencial, tratando, alem de assumptos de administração publica, da nossa cooperação junto dos aliados em França; do recente acto eleitoral; de assuntos relativos á proclamação do sr. Presidente da Republica e da questão das subsistencias.

—Os officiaes da guarda fiscal foram hontem agradecer ao sr. ministro das finanças os beneficios prestados aos officiaes e praças pela reorganização da guarda.

—Vai ser publicado um decreto, providenciando sobre a exportação de minerios de tenegotenio ou tenegotenio metallico, a qual só poderá fazer-se depois de autorisada pelo governo.

ELEGANCIAS

Aniversarios

Fazem ámanhã annos as sr.as:

D. Maria Dominges da Cunha e Lorena, D. Adalgiza Nogueira Pereira de Matos, D. Maria José de Barros Belmarço e D. Berta Hearn da Cunha Menezes.

E os srs.:

Dr. Curry Cabral, dr. Luiz Maria de Figueiredo Cabral, Manuel de Bourbon Vaz Preto Geraldes e José Marques Costa.

MUSICA

Abertura da temporada lirica no Coliseu — A opera «Aida» com Mazzoleni

A «Aida» tem sido sempre a opera de abertura das temporadas liricas no Coliseu e sem duvida é bem escolhida, porque, tendo a partitura grandes difficuldades a vencer, fica o publico, desde a primeira noite, conhecedor dos recursos de grande parte dos artistas da companhia.

A hora adeantada da noite a que terminou o espectaculo não nos permitiu dar mais do que uma ligeira impressão do justo sucesso obtido, apesar da manifesta hostilidade com que uma pequena parte do publico, em geral, recebe Pecetto de não querer bem o seu dinheiro, recebeu os artistas.

Esther Mazzoleni, soprano de grande nome, a quem ha annos já anhamos ter o prazer de ouvir em S. Carlos, cantou com grande relevo a sua parte e se a voz nos não deu a impressão de ser tão volumosa como da primeira vez que a ouvimos, sentimos que a grande artista se aperfeiçoou muito na forma como representa, tendo sido ovacionada em todos os actos, especialmente no terceiro, do «duetto» com o tenor, em que foi magistral de intenção cantando a sua voz com mestria.

Depois de Mazzoleni a de justiça citar o barytono Morelli que nos deu um «Amonasro» de primeira ordem, representando primorosamente, tendo uma voz não muito saveleirada mas «quente» e dizendo com intelligencia. Egualmente muito bem o baixo Pexall e o tenor Antonio Marques [illegible] pode considerar-se um cantor seguro, porque nos parecido, porem, que [illegible] operas, — na «Carmen» por exemplo — poderá evidenciar mais os seus recursos; o baixo Marti e meio-soprano Campuna não desmancharam o conjunto.

Os baixos sofriveis... os coros soffriveis... a orquestra ás vezes bem e detestavelmente os logares que nos de-

COLISEU DOS RECREIOS

A' manhã—2.ª feira, 6—A' manhã

A's 9 horas da noite

Primeira Recita da Moda

Primeira recita extraordinaria da grande celebridade lirica

Cav. Tito Schipa

O primeiro tenor da atualidade.

Unica representação

da opera em 5 actos e 6 quadros, musica do maestro JULES MASSENET

MANON

em que o insigne tenor

Cav. Tito Schipa

tem a sua mais colossal creação, constituindo o triunfo mais brilhante da sua carreira, tanto no Coliseu como nas principaes scenas liricas do estrangeiro.

OS QUE MORREM

DR. ALÇADA DE PAIVA

Com 70 annos de idade, faleceu anteontem monsenhor Francisco Alçada de Paiva, prior da freguezia dos Anjos, desembargador da relação e curia patriarcal e um dos mais velhos e mais conhecidos sacerdotes da capital.

Era formado em theologia pela Universidade de Coimbra e tambem paroquiou as freguezias de Carnide, S. Nicolau e S. Domingos. Foi juiz dos casamentos, professor do seminario de Pinhel e do pequeno seminario de S. Vicente, para o qual contribuia com 500 escudos por anno.

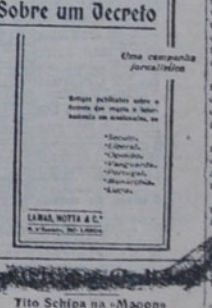
Como prégador foi-se ouvir em qualquer dos templos de Lisboa, e muitos da provincia, e publicou varias obras, combatendo o protestantismo.

Pertencia a uma numerosa familia da Covilhã, d'onde era natural.

O cadaver foi hontem transportado da sua residencia, na rua Palmira, 3, para a egreja dos Anjos, onde ficou depositado, saindo hoje o prestito, ás 16 horas, para o cemiterio oriental.

Diz-se que recairá no sr. dr. Romão José da Silva Guimarães, conego archeprete da Sé, o [illegible] de nomeado para a freguezia que [illegible] deixar e onde reside ha [illegible] anos.

O sr. dr. Romão Guimarães [illegible] deu as freguezias de Cintra, [illegible] Ajuda, S. Lourenço e [illegible] Justa.



Tito Schipa na «Manon»

ULT NOV

A Alem

O p A SITUAÇÃO D

A [illegible] da Ilha do Occidente ofer[illegible] mas observações.

Quando alguns [illegible] tar que um ataque g[illegible] se la produzir, vê-se apenas ao sul—frente [illegible] manifestação energica principal no sector de

No sul, os dois cont[illegible] base de ataque—Vi[illegible] gard-Castel. De um l[illegible] se ahi as abertores

Ao norte, o adverr[illegible]-se da importante [illegible] tudo indicava que ia [illegible] que uma importante [illegible] dos aliados—de Ypre[illegible] dizir, ela que a sua i[illegible], é forçado a precipitar[illegible] inicial.

Certamente que o [illegible] rio se não limitava [illegible] Kommel; um subsec[illegible] Paperhinge e Cassel [illegible] indicado.

Era, porém, da per[illegible] tencia que os alliados [illegible] do. Cada palmo de t[illegible] região, tem aquela [illegible] gias Haig assinalou [illegible] ção ás suas tropas. N[illegible] isso, a certeza de um[illegible] os effeitos empolhad[illegible]—dez divisões—para [illegible] Dunkerque, depois d[illegible] attuda da direcção [illegible] pois, certa veromilh[illegible] guma critica, quan[illegible] ações da ultima sem[illegible] conjugada com a do [illegible] a America, não o pr[illegible] efensiva, que não ser[illegible] duzir-se.

O violento arranc[illegible] mpe, em fi de co[illegible] não na linha mestr[illegible] dversario decidido [illegible] o a rua rubra[illegible] [illegible] para janto, e [illegible] rtilharia pesa[illegible] preparatorio. E[illegible] atacando principal[illegible] ersecução.

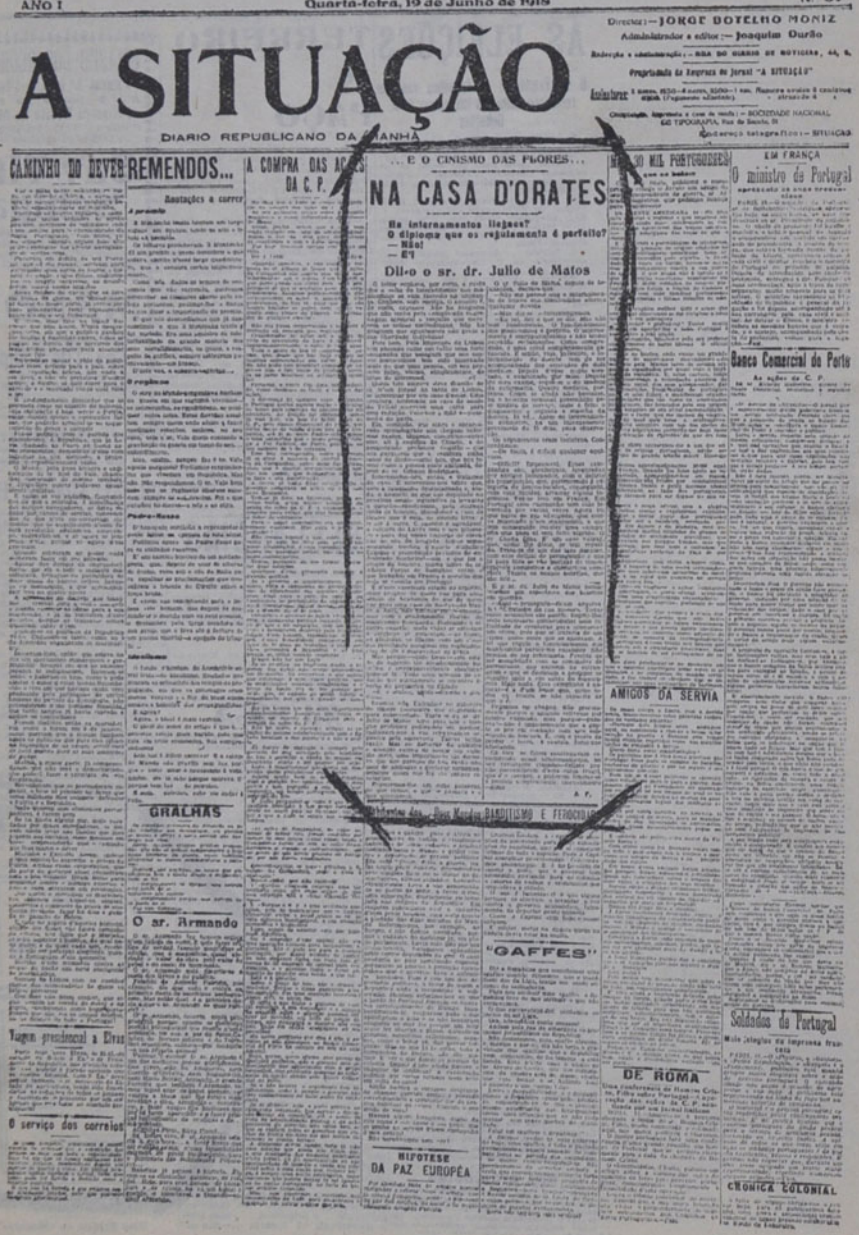
[illegible] ndo [illegible] ores, o preço [illegible] sarsicão se trata, [illegible] val-a aos planares d[illegible] tros. Não tem por [illegible] de ser lindo, prin[illegible] faz sobre não dos [illegible] contraria.

Foi, por certo, um [illegible] ferir, em 15 horas, [illegible] de Aubers á margem [illegible] dos terrenos alagado[illegible] guerras ocupavam.

Mas aqui apparecia [illegible] nas linhas contrarias [illegible] que de 5 de abril [illegible] agora, que a [illegible] [illegible] reunidas francesas e [illegible]

Como [illegible] d'ell[illegible] [illegible] [illegible] [

E, em 18 de Junho, Afonso de Bragança entrevistou para a *Situação* o Julio de Matos, sendo a entrevista publicada no dia seguinte, numero 67 daquele jornal:—



ANO I — Quarta-feira, 19 de Junho de 1918

A SITUAÇÃO

DIARIO REPUBLICANO DA MANHÃ

Director:—JORGE BOTELHO MONIZ
Administrador e editor:—Joaquim Durão

CAMINHO DO DEVER

REMENDOS...

Anotações a carvão

A proposito

...E O CINISMO DAS FLORES...

NA CASA D'ORATES

Os internamentos ilegaes?
O diploma que os regulamenta é perfeito?
— Não!
— É!

Dil-o o sr. dr. Julio de Matos

A COMPRA DAS AÇÕES DA C. P.

EM FRANÇA

O ministro de Portugal

Banco Comercial do Porto

AMIGOS DA SERVIA

GRALHAS

O sr. Armando

"GAFFES"

DE ROMA

Soldados de Portugal

Viagem presidencial a Elvas

O serviço dos correios

HIPOTESE DA PAZ EUROPEA

CRONICA COLONIAL

No mesmo dia 19 de junho, como abaixo se vê, a *Luta*, á tarde anunciava que pela imprensa se responderia á entrevista naquela manhã inserida na *Situação*:—

19 de Junho de 1918 — Numero avulso, 2 centavos

LUTA

Propriedade de JOSE BARBOSA & C.ª

E. Segurado, administrador e editor

Toda a correspondencia relativa á assignatura ou administração deve ser dirigida ao administrador

Numeros telefonicos:

Redacção e direcção, 2:552 — Administração, 2:579

DA POLONIA

tando-se nos exer- luctam pela re- da sua patria

adio official de Vie- seguinte

realisará o julga- rios individuos do uxiliar polaco que almente na frente o auxiliar polaco, ir a via ferrea e as a e telefonica de z, de que se apode- fevereiro, ás oito ou para o oriente intenção de abrir das nossas linhas krania. Graças ás que adoptaram as las ao caso, conse- a marcha do corpo apesar de ter opos- Uns 120 officiaes e corpo auxiliar fo- e conduzidos ao mente Porimotivo sedicioso, 91 offi- los da região terão pela sua conducta guerra. Uns cem to corpo, submeti- ram considerados rviço militar e ma- a o do *landstharm*, podas em liberda- ni declarados pelo o compreendidos serviço, sendo in- ercito austro-hun-

*

las legiões polacas satido ao lado Russia foi um icos da acção lonia. Essa tirania supunha que, tarismo, melhora- am que novos o que os antigos po em que os aca- sia não existe co- que, pois, favore- E esmagam-nos, anta vez devasta- ndo tantas provincias pola- reram se os seus lado-se e dizimam- destroe-se a sua e á fome a sua po-

*

uerra, os polacos uns contra os ou- nente russos aus- Combatem-se seus oppressores e seu solo por inu- E quando supu- ava a aurora da la noite negra do

O Parlamento

Dizem que já não abre em 1 de Julho, passando essa solemnidade para 8 do mesmo mez. Não somos nós dos que julgam que desses adiamentos não veem proveitos

Se o Parlamento começasse em funções logo depois de eleito, a avaliar pelo que se ouvia nas pessoas afectas ao Governo, iriamos ter uma Constituição presidencialista, mais presidencialista do que a vigente na União Americana ou na Imperio Alemão—qualquer coisa como uma Constituição propria para as gentes negras de Dahomey.

Passaram tempos. Do arraial monarquico começou a pedir-se parlamentarismo, depois os proprios governamentaes se mostraram, uns parlamentares puros, outros presidencialistas atenuados, dum presidencialismo ainda não bem fixado na cabeça de ninguem, nem mesmo na dos seus inventores.

Esperamos, pois, que, dentro em pouco, só existirá um presidencialista—o Sr Dr Sidonio Paes. E esse mesmo

Talvez fosse bom adiar a abertura do Parlamento por [illegible] Estamos todos de acordo.

Na casa de Orates

O dr da Cunha Dias vae responder pela imprensa, a uma entrevista que sobre internamento em manicomios publicou hoje a *Situação*

A entrevista foi feita com o dr. Julio de Matos.

Instrucção publica

O *Diario do Governo* de hontem, na sua 1.ª série, publica-se, pela secretaria de Estado da Instrucção, um decreto regulando as disposições do cotro, o n.º 3:863, de 20 de Fevereiro de 1918, que estabelece a unificação dos vencimentos do professorado effectivo dos differentes ramos de ensino

Por esse diploma determina-se que a unificação dos vencimentos de categoria e de exercicio, nos termos fixados pelo art. 1.º do decreto n.º 3:863, de 20 de Fevereiro de 1918, é unicamente applicavel aos professores em effectivo serviço á data da promulgação do mesmo decreto e que nem

A GUERRA

A batalha para vencer

A contra-ofensiva italiana levada a cabo com tanta violencia que inutilisou a ofensiva austriaca, é mais uma admiravel resultante do comando unico.

A frente italiana foi considerada por Foch como a guarda da sua extrema direita, e por isso, aproveitando a bonança que por lá reinou tanto tempo, preparou-se contra uma arremetida por aquele lado, que seria lançada como recurso para facilitar a investida alemã na Picardia

Precipitou a ofensiva austriaca, a situação interna da Austria, e previsto os resultados da agitação interna, o estado-maior alemão apressou-se para aproveitar ainda o estado de cohesão dessa massa.

A ofensiva austriaca resultou esteril, e deste facto nasceu mais um elemento que fortemente fomentara a revolta latente do paiz.

Mas Foch possuia certamente indicações precisas sobre o golpe que o inimigo pretendia vibrar-lhe por aquele lado, e inutilisou-o

A ofensiva alemã contra o sector compreendido entre Montdidier e Soissons esbarrou na formidavel resistencia dos francezes, e foi completamente inutilisada pela brilhante contra-ofensiva dos seguidos, que deante de si empurraram o inimigo.

A ofensiva austriaca, parada mais facilmente, deu logar a uma contra-ofensiva dos italianos que vae produzindo optimos resultados

O esforço inimigo apresenta-se agora quebrado, pois a seguir ao primeiro impulso estara a cedo terreno, mercê certamente da enorme fadiga resultante da continua inutilisação de esforços, feita habilmente pela mão do Mestre

E, enquanto ele se cança e se exte- [illegible] ameaçado por uma crise inter- violenta e fatal, as reservas alia- crescem diariamente com os des- embarques efectuados pelos americanos

A primeira parte, efectuada por Foch é uma grande victoria, como dissemos pois que sendo o seu objectivo ganhar tempo para remediar o inconveniente das suas grandes massas de reservas terem um grande es-

paço para percorrer até a sua utilisação, consegue realmente o seu objectivo, e ultrapassa-o, porque já fatigou o inimigo.

A sua manobra habil permite-lhe, quando iniciar a sua acção ofensiva, profunda e estrategicamente decisiva, realisar o seu plano com as massas que meticulosamente vem concentrando contra um inimigo cujo ardor, cujos effectivos e cujo moral já vae encontrar muito abalados.

Iniciará a sua acção dispondo de todos os trunfos necessarios, quer materiaes, quer moraes. Preparou a sua acção com methodo e precisão e os resultados não podem deixar de corresponder aos meios.

Foch, em 1914, foi por assim dizer o general aliado que mais contribuiu para a inutilisação da celebre manobra de envolvimento procurada pelos alemães e que foi conhecida pela *corrida para o mar*.

Da inutilisação desta manobra resultou a morte da Alemanha, agonia lenta bem sabemos, porque não se aniquila rapidamente o esforço continuo durante 44 annos de um povo numeroso, organisado e trabalhador; mas dissemos que resultou a morte, porque toda esta longevidade da guerra provém desta manobra dos aliados, cercando os centraes. Quando a Russia abandonou o campo, já o inimigo estava em bem peores circumstancias do que em 1914 e por isso os estragos que ele produziu nada são para comparar com os que poderia ter feito

Pois é ainda Foch que para o inimigo na corrida que ele quiz efectuar para uma victoria que sabe que perderá de vez se não a alcançasse nesta ocasião

Não podia alcançal-a, mas a destruição completa do objectivo inimigo devem-n'a os aliados ao homem excepcional que é hoje o comandante supremo dos exercitos aliados, e esta fraqueza relativa mas palpavel do inimigo comum é já o inicio da obra da grande cabo de guerra que procura habilmente o seu dia da batalha, a batalha para vencer

N. RIBEIRO.

NOTICIAS DE COIMBRA

COIMBRA, 19—Vae revestir grande imponencia a solemnidade da inauguração do novo edificio para a Associação Cristã de Estudantes, que se effectua amanhã, com a assistencia do sr. ministro dos negocios estrangeiros e do corpo diplomatico.

A colonia brasileira residente nesta cidade, reuniu hontem no vice-consulado, resolvendo receber condignamente o re-

Portugal na guerra

Baixas em França

Comunica o Q. G. R. do C. E. P. em Q. G. T. que desde 31 do mez findo até esta data se registaram mais os seguintes falecimentos:

No dia seguinte, 20 de Junho, a *Situação* anunciava na primeira coluna da segunda pagina haver recebido uma carta que, por falta de espaço, publicaria ao outro dia:

---

ralmente, a invasão nem da tempo para se tomarem taes precauções: faz logo de chofre uma tal razia que as vezes não mais ficam que uns ilesos. Por outro lado se é de todo impossivel a vida individual ou social sem rocar pelo somelhante, reduzir-se até onde possa ser essa aproximação ao minimo, restringindo assim a exposição ao contagio.

A misantropia cae bem em quadra epidemica, que faz certo o ditado de que muita gente junta não se salva. Pode dizer-se que a influencia reflna na confluencia. E' sabido quanto as festas e as romarias contribuem para a disseminação regional: os primeiros casos que cá arribaram, deram-se nos regressados das festas e touradas de Santo Isidro, em Madrid. Agora, como sempre, o contagio castiga os grupos de vida conjunta—colegios, asilos, prisões, oficinas, teatros, quarteis, etc. Acontece escapar-se as casas de reclusão, exatamente pela restrição de relações externas: não gosou d'essa imunidade a prisão de Monsanto, atacada fortemente depois da entrada dos presos politicos, alguns dos quaes apareceram contupados, e das visitas inumeras que tiveram. Ora se os que trem que fazer não podem livrar-se dos seus eleitores a concorrer ao seu trabalho e ao seu emprego na fabrica, na oficina, no escritorio, na repartição, guardem-se d'grandes ajuntamentos dispensaveis, especialmente dos que empilham e acotovelam gente n'uma atmosfera confinada.

Não fica mal deixar de visitar enfermos, apesar de ser obra de misericordia; e tambem não fica mal, antes ficaria muito bem, acabar com os comprimentos de uso—apertos da mão e osculos de cerimonia, gestos que repugnam á higiene, e até á cultura, restos como são do passado selvagem. As reverencias chegam, bem mais inocentes do que os toques suspeitos do proximo, e logo de coisas tão poluidas como beiços e dedos.

Se se soubera ao certo a porta de entrada do virus, alguma defesa especial se poderia instituir. E' para crêr que os germens se alojem na parte superior das vias respiratorias e ali facam ninho para forçarem a marcha. Seriam, pois, indicaveis as lavagens frequentes do nariz e da garganta, por exemplo, com a comesinha agua salgada: a agua oxigenada diluida vem a ponto para este effeito. Desinfecções rigorosas, como as que se teem ensaiado nas faxes dos portadores de cocos meningeos ou parcilas differicos, não são para tentadas. Praticas imunisantes não se conhece nenhuma; drogas preventivas não existem, e nenhuma deve tomar-se com tal fim. O mesmo apanhar do mal não livra d'outro, pois não é das infecções que conferem a imunidade. Talvez que os que virem depois de nós gosem do beneficio de alguem sôro ou vacina—uma esperança profiliatica para um contagio assim.

A boa higiene interna e externa é sempre um bem mantel-a. Tomar ar livre e arejar os recintos de estada. Não requintar, todavia, a ventilação até ás correntes de ar, incommodas e prejudiciaes, a que a nossa gente é atreita, sobretudo em quadra de calmas. Quando o mal vier, cama, dieta, tisanas e medico. Nada de drogarse por conta, nem com purgas, nem com sal-amal, nem com os grogues. E que se livrando a fortuna depare assistente... sem farmacos—o que será vantajoso p... corpo e bolsa do enfermo, e concorrerá para evitar o encarecimento dos remedios.

Na casa de Orates

Do sr. dr. Cunha Dias recebemos uma carta sobre a nossa entrevista com o sr. dr. Julio de Matos, que, com a epigrafe acima, publicamos hontem.

O avançado da hora e a absoluta falta de espaço impõem-nos de lhe dar hoje publicidade, o que faremos amanhã.

OS MORTOS EM FRANÇ...

...G. do C. E. P. foi hontem ... e recebeu o seguinte:

«Por ferimentos em combate ... soldado n.º 455, 1.º, Joaquim Pereira, em 9 de abril; inf. 15, sold. n.º 378, 2.º, Armando Alves Ferreira, em 8 de abril; inf. 15, sold. n.º 891, 3.º, Manuel Joaquim, em 29 de maio.

Por doença, B. S. C. Ferro, soldado n.º 84, 2.º, Raul Maria de Oliveira, em 22 de maio, por insuficiencia mitral; inf. n.º 15, cabo n.º 422, 1.º, Manuel de Figueiredo, em 25 de maio, por tuberculose pulmonar incipiente.»

CURIA
Palace Hotel
e Grande Hotel
De Costa & Solleiro, Ld.ª
Aberto de 1 de junho a 31 d'outubro

trata dos assuntos referentes ao armamento, equipamento dos navios, maquinas, hidrografia e construção e tera cinco repartições, a 1.ª incumbe a construção naval e Cordoaria; a 2.ª armamento e equipamento, a 3.ª maquinas, a 4.ª hidrografia e navegação e a 5.ª construção civil

A 1.ª é dirigida pelo diretor das construções navaes, a 2.ª e 4.ª por um oficial superior do ativo ou do quadro auxiliar; a 3.ª por um oficial superior engenheiro maquinista e a 5.ª por um engenheiro civil ou militar.

Ficam subordinadas á esta direcção as colonias technicas, as fabricas de construcção e reparação naval, de maquinas, Cordoaria, oficinas e serviços de material de guerra, torpedos e eletricidade.

Artigos 38, 39, 40, 41, 42 e 43.º A 4.ª direcção trata dos serviços auxiliares da armada e da administração financeira, de todos os recursos postos á disposição da respetiva secretaria d'Estado, a qual se divide em 3 repartições, a 1.ª trata dos abastecimentos da esquadra, transportes e contratos, a 2.º dos serviços da marinha mercante, policia dos portos, faroes e pescarias, e a 3.ª dos serviços de administração e fiscalisação naval; a 1.ª e 3.ª serão dirigidas por um official superior da administração naval, e a 2.ª por um official superior de marinha do ativo ou do quadro auxiliar

Ficam subordinadas a esta direção o Archivo Geral, dirigido por um official do secretariado naval e a comissão de pescarias

Art. 44.º A repartição de contabilidade continúa com as mesmas atribuições

Artigos 45, 46 e 47.º Tratam dos regulamentos, da colocação do pessoal, e dos directores geraes que despacham directamente com o secretario d'Estado.

Artigos 48, 49 e 50.º Autorisam o secretario d'Estado da marinha a remodelar o ensino de todas as escolas dependentes da secretaria e crear superintendencias de fiscalisação, montadas estas, serão dissolvidos o comando central de defeza maritima e o dos Acores

Assistencia
5 de Dezembro

Sopa dos pobres

Está tomando um notavel desenvolvimento a Obra da Assistencia 5 de Dezembro da iniciativa do Sr Presidente da Republica. As 6 da tarde, pontualmente d'esta benemerita instituição, além d'outras que a mesma Assistencia estabelece, abrir-se-ha, no proximo domingo, a 1516, satisfazendo-se, assim, as necessidades mais exigentes nos bairros mais pobres, onde a miseria é enorme.

Inaugura-se festivamente esse dia a sopa aos pobres, da Assistencia 5 de Dezembro, no Beato, com a assistencia do Sr Presidente da Republica, para 300 familias d'esse pauperrimo local, cuidado a dedicada junta de parochia de Imprimir o maior brilho á solenidade, é tendo obtido já, de muitas pessoas das mais bemquistas d'ali, adesões e donativos para a Assistencia

Tambem no domingo proximo, a Obra Assistencia nas Escolas Geraes annuncia mais 600 as sopas, para atender ás ...as pobres de S. Miguel, Santo Estevão, Monte Pedral

Brevemente se inaugurara a Obra da Assistencia em Xarayem, na fabrica de ...ouçado de Sr. Gilman, para acudir ás necessidades de mil familias pobres d'aquel...les sitios.

A ... que se começou a distribuir no dia ... nas terras do bairro novo de Camp... Ourique, tem sido procuradissima ... pobreza d'aquele local. Como é mo... na sua composição, ha familias numerosissimas que a desdoura, em suas casas, com agua quente, servindo-lhes de alimento unico, e, ainda assim, muito nutritivo. Diversos cavalheiros e senhoras teem ido visitar a sopa de Campo de Ourique e assistido á sua distribuição, o, provando-a corroboram a affirmação dos pobres, de que esta sopa é magnifica, com as melhores condições de nutrição.

E assim, pelo facto, que a Obra da Assistencia 5 de Dezembro se impõe e que o publico de Lisboa reconhece e applaude a bela obra do Sr Presidente da Republica, contribuindo, expontanea e dedicadamente, para que a sua acção se intensifique por forma a socorrer a grande maioria que sofre, n'este momento dificil da vida, a mais horrorosa calamidade.

A junta de parochia civil das Escolas Geraes e a comissão dos festejos da Obra da Assistencia 5 de Dezembro, continua hoje, 20, pelas 21 horas, os grandiosos festejos e feira, havendo varias surprezas e sendo abrilhantado por um distinto grupo musical.

Pede-se para qualquer obelo ser enviado para a séde da junta, rua dos Cegos, 36.

si luca.

«...E a caravana passa...»

ESPETACULOS

São Luiz—A's 21.30—«A Severa», drama.
Avenida—A's 21—«Amor de mascara», opereta.
Politeama—A's 21.30—«Salada russa», revista.
Apolo.—A's 21.30—«A revolta», revista.
Eden—Animatografo e concerto.
Salão Foz—Variedades e concerto.
Olimpia — Animatografo e concerto.
Cinema Condes — Animatografo e concerto.
Salão da Trindade—Animatografo e concerto.
Chiado Terrasse—Animatografo e concerto
Salão dos Anjos—A's quintas, sabados e domingos—«Ahi seu tesolo», revista.
Chantecler—Animatografo e duas faladas
Salão Promotora—Animatografo.
Salão Colossal—Animatografo.

Conferencia

Hoje, pelas 21 horas, realisa uma conferencia no Centro Socialista de Alcantara, rua das Fontainhas, 77, o sr. Sergio Principe, cujo tema é: «A questão do caminho de ferro e a questão economica».

ATRAVEZ dos BAIRROS

«*Complots*»—Foram hontem entregues ao general da 1.ª divisão do exercito, dando em seguida entrada na cadeia do Limoeiro, Aurelio David, Afonso Monteiro, Guilherme Gonçalves, José Manuel Costa e Manuel José Aguiar, todos implicados no complot do Penicho, do qual era chefe o sr. dr. Batista Frazão, que está preso no Castelo de S. Jorge. Tambem foram enviados ao quartel general, os presos Nunes da Silva, Pena Martins e Francisco dos Santos, o *Chico Teso*, implicados no *complot* de Tomar.

Chegada de presos.—Hontem á hoite, chegaram ao governo civil, sob prisão acompanhados por uma força do regimento de infantaria 27, quatorze trabalhadores rurais, que deram entrada nos calabouços do governo civil. Foram detidos em Chança por terem abandonado os serviços do campo. Aguardam o destino que lhes deve ser dado.

Aprendado de assucar.—Hontem, de tarde a policia aprendeu 12 sacas com assucar na mercearia do sr José Luiz, rua Nova de S. Domingos 25 e 27, que o mesmo merceeiro tinha dentro de umas sacas grossas, de serapilheira, para mandar para fóra. A aprensão foi feito devido ao referido merceeiro se recusar a vender assucar ao publico, dizendo que não tinha.

Diz a policia na sua participação que o assucar era acambarcado pelo merceeiro, de combinação com o fiscal Pereira, das sabsistencias, que é *formiga*, e que por esse processo razia indispôr o publico contra o governo O assucar foi para o posto da policia do teatro Nacional

Por furtar.—O guarda David, da 1.ª secção de investigação, acompanhado de seu colega 1.629, prendeu hontem na estação central do Rocio, os conhecidos gatunos carteiristas hespanhoes Antonio Meado e Isidro Gonzalez, na ocasião em que pretendiam furtar uma carteira a um passageiro. Foram levados para o governo civil onde já tinham queixas contra eles.

Banco Portuguez
e Brazileiro
Lisboa—Rua Augusta, 34
Capital Esc..... 3:000.000$00
Fundo de reserva. 1:300.000$00
DEPOSITOS A' ORDEM e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras. Descontos. Transferencias. Compra e venda de titulos e «coupons» nacionaes e estrangeiros. Correspondentes no Paiz e no Estrangeiro.

Reunião do Professorado Primario

Realisando-se hoje, pelas 11 horas da manhã, a reunião magna dos delegado da classe, na Associação do Pessoal Maior dos Correios e Telegrafos, rua das Portas de Santo Antão, o Gremio dos Professores Oficiaes de Lisboa convida todos os seus colegas da Capital a comparecer á referida reunião.

...dente ano o praz... tabelecido para ... cretario de Estad... uma comissão ... do mesmo regim... d'aquela data co... composta dos srs. presidente da Tu... de Lisboa; Joaqu... Instituto Superio... de Almeida, chefe ... rção geral das ... concelos Cabral, ... dega de Lisboa, e ... fredo de Fraga C...

—Foram transferidas publica: F... Vila Nova da Ce... Soares Esteves.

Nova da Barquinha ... ar para Cabeç...

—Foi aprovada ... fazenda publica e ... Marques de Figue... 5 soldo

—O sr governa... hontem demorado ... tario de Estado e ... pelo sr Sesden parece, o sr dr ... nuará no exercic... pedido dede mus... dido por parte d... de concelho e de ... de municipios do ... dr Vasco de Go... os secretarios de ... instrucção

Tentativ...

Tentou suicidar-... um tiro de revol... maz Ferreira, me... morador na aven... 3.º. Foi conduzido ... hospital de S. Jo...

OS M...

Efetuam-se hoje ... para o cemiterio ... Torres Mascarenhas ... Pico, 31: da sr.ª ... ção Moreira, as ... Maria, do sr. Ant... hospital do Rego; ... ves de Carvalho, ... reia, 93, do sr. P... da rua de Campo ... gas, ás 14, da rua ... 1.º, do sr. José ... Oliveira, 41, do sr ... hospital de S. Jo... ra, ás 14, da ru... da sr.ª D. Vitori... ás 10, da rua dos ... mitorio dos Prazeres, ... gusto Soares, á ... amanhã: da sr.ª ... vão Pereira, da r...

—Na sua residencia ... culano, 107, falle... Ribeiro Ermida, ... Limitada, e mem... Commercial de Ca... Lanificios da Ar... cidos.

O eximio dese... de Amorim Erm... do sr. dr. Virgili...

O seu funeral ... para o cemiterio ...

—Realisaram-se ... neraes: das srs.ª ... Ferreira Vieira, ... D. Judit Maria ... Amelia de Jesu... de Jesus Silva, ... Irene Santos, D... Gertrudes Rosa ... tos: dos srs. J... Ramos Santos Ju... João Fatela, Jos... e José Luiz Velos...

FIGUEIRA DA ... sr. Fernando A... segue para essa ...

CONTRA...

A "COMP... efetua segu... Agencia: Jos... & C.ª, banq... 69 a 75, Te...

De verdade, não tendo sido feita rectificação alguma ás afirmações contidas na entrevista, foi, sob a fórma de carta, publicada em 21 de Junho, numero 31 da *Situação*, a resposta:

ANO I — Sexta-feira, 21 de Junho de 1918 — N. 39

A SITUAÇÃO

DIARIO REPUBLICANO DA MANHÃ

Director:—JORGE BOTELHO MONIZ
Administrador e editor—Joaquim Deirão

A NOSSA ATITUDE

A "Formiga" e o assucar

Transcripções...

Dr. Brito Camacho

UMA CONFERENCIA da Liga Nacional da Valhico Republicana

O "tal"...

Os fumos... de Rocio

Barbosa d'Andrade

O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA EM ELVAS é delirantemente aclamado

A viagem:—Em Crato e Portalegre o sr. Presidente é entusiasticamente ovacionado

A chegada a Elvas

Assim mesmo!

Machado Santos

Tenente-coronel Freitas Soares

Uma carta

Lyda Borelli casou

Instrução

Ler na 2.ª pagina o nosso bem feito folhetim O JARDIM DE ALLAH...

Os serranos

Os discursos do ministro dos estrangeiros inglez

Os artistas portuguezes em Paris

Associação Cristã de Estudantes

A favor dos pilotos de guerra

Serviços ferroviarios

Caso grave

Saude publica

BRAZIL

Casa de penhores

A Liga dos Combatentes

NA CASA DE DRATES

Os SERRANOS

Escrevendo uma carta:

"São levados de breca, esses francezes! Imagina que estavam agora uns "tenguis" que, em vez de agua, teriam gosto para matar o "bocke".

Quatro dias passados, depois do golpe prévio ao focinho, na sexta e setima coluna da *Luta*, em 25 de Junho, tirou-se ao raposo a pele do lado dos quartos esquerdos.

1.º ANO — Numero 4378 Lisboa, Terça-feira, 26 de Junho de 1918 Numero avulso, 2 centavos

JOSE' BARBOSA, Director

Propriedade de JOSÉ BARBOSA & C.ª

A LUCTA

Aos legisladores

Não sabemos o que vai ser-lhes a passar nesse período trabalhoso das legislaturas ou o sr. dr. Sidonio Pais ou os constituintes, mas, se a camara de Dezembro de 1917 Pais não e a sensação simples ou 28 de a revolução é sempre um mal, abril ultimo passou, como o que não que dizer que, desde da revolução de 5 de dezembro, pode garantir-se que vai ocupar o salario parlamentar será mal mesmo, salvando-se revolução da parte a rebuscados demarcos que ocrram ruinos sé- pelo presidencialismo, e não ser rio, que pões em perigo a existencia, se lor de voltar, o Congresso, e que, se a victoria é demos acêrto e salutar, pois que certa, a derrota não é tão essencial, do modelo americano, possivel.

O sr. dr. Sidonio Pais? Isto não tempo para cuidar e ser- ção ou ingorge de novos visionarios vir de exemplo para ninguem. Mas é que, sem duvida, os não é a das consequencias dos democratas que não é a presidencialismo ou para os presidencialismo aos sistema, revolucionarios. E' a da utilidade da revolução, a dos elementos, finalmente, de uma solução liberal, se possivel for, em nossa terra, que pões em perigo a existencia, ao passo que só um governo forte pode salvar a Republica.

Em tudo isto ha historia e, ao mesmo tempo, um exhibirismo de vaidades em que Deus nos livre de cair.

O que se procura é fazer do presidente da Republica uma especie de rei constitucional, mas com responsabilidade, que não seja o dominador irresponsavel, mas que não seja o ar fantoche absorvente. Pois como diz, com tanta graça e tanta verdade, o sr. dr. Sidonio Pais, quando falou em Paço d'Arcos, a propriedade é uma coisa e a formula outra.

Queremos crer que um dia virá tambem o estado revolucionario, em que a revolução, a bem da ordem, dispensarão as camaras legislativas, ao passo que só ellas, em tempos normaes, podem ser a expressão sincera da vontade nacional.

Mas, por agora, é preciso que se governe, que se faça alguma coisa, que se não esteja sempre a discutir, a discutir, a discutir, e a discutir, e a discutir, e

E, não deixando arrefecer, no mesmo dia o *Liberal* publicava um artigo, com que se lhe arrancou a pele da banda dos quartos direitos, e se deu por terminada a tarefa.

Anno II (XII) N.º 427 (3578) Lisboa—Terça-feira, 28 de Junho de 1915 Numero avulso 20 reis

DIRECTOR
António Telles de Tavarescallos

JORNAL REPUBLICANO INDEPENDENTE
Redacção, administração e typographia
RUA DA ATALAYA, 104-1.º
Propriedade e empresa do O LIBERAL

Redacção do «Liberal» e casa de saude
Rua da Atalaya, 104
Numero telephonico
LISBOA 1 — LISBOA
Administrador
JAIME EDUARDO FERREIRA DIAS
Secretario da redacção e editor
JULIO DA COSTA PINTO

O Liberal

Ou uma lei nova ou uma revolução nova

Em todas as épocas, quando a guerra tem assolado as nações, quando os campos eram devastados e as gerações nascentes, apparecia com a paz nos lares dos cadaveres putrefactos, a fome vinda da falta da lavoura nos campos e, com esses flagellos, um outro tão horrivel como elles e mais difficil de debellar; a ganancia.

Em Roma, Cesar mandou deitar sigoro as moedas das praças; Napoleão fundou varias na França, na Inglaterra, em toda a parte, as argueiros fazia para as penduras seus, por cada um que soffria o castigo, dez se escapavam porque os haviam são ganancias como a elles já eram ricos. Não eram considerados como fazendo parte da patria homens d'estes, que, com effeito, pertenciam apenas a um mundo á parte infamias.

A personagem é accessoria e ignobil, e nem vivida attrahe dos faculos, nem tida na fabulação de negociante. Negociar não é mulher; não é gerar a lenda alliva para d'ella ter um povo: a propria. Ah uma parte onde acalia e fatto, juncea e crime. No commercio como no resto—é assim. Não é teima vel ganhar com por cento. Quem o ligar muito. Num tempo, como esse, em que a guerra torna difficil e augmenta do preço não ha direito de nem quem se guarde quando chegam ter se vender. E' uma liberia de familiares—e este momento—sentimento gasto, que todavia, pratica e tem pratica, se vae tornando. O facto de navalo, quando os pobres, e os mesmos pedem andam suando sangue para pedem vestir, é coisa propria de quem tem vergonha, uma lei para, ordinario, que alguem falle, que alguem se deixe de pelles d'origem para alheio pelo e povo. Eu sou do povo; para elle alta pecque e vou accusado, quando não ha razão, de querer pedir pelos seus traços aquillo que não recebem os melhores centros. E' um engano. Os que trabalham podem exagerar que os pedidos—verdade seja—lhes não podem dar porque ha, escandalo augmentado, no anno, vendido á lucro de tal, mas escondendo o seu acto reprovante, e acanhamento. Sem elle, a vida conhece mais difficil que nos pendido normaes, é certo, não chega ria a mais honesto que sobejavas todos, diante de todos a dos generosos que devem ter já promulgado uma lei á qual ninguem teria ousado que traz honores, uma lei para, ordinario, da qual nada sentamos locais—sente e preciso—e que, garantindo as riqueza, uma vida tambem tambem se acanhar como uma passagem no fundo d'um poço para a Africa onde palma haja melhores regiões apesar do latino do deposito.

Eu, que, não vivendo ainda uma só vez para pensiono nou e pedi, nunca o pedir que se cria e só para os administradores e que, com as provas evidentes—o corpo de delicto—se nos inscrevel na condemnação.

* *

Qual fará a experiencia e for vão. A batalha dos generos e d'uma excessão horrorosa que cuesta as mais vergonhas de quem galgou uma posição. Diz-se que chegaria a Lisboa as cerealicolas e negueiro e encontra no mercado nada ou quasi nada. Depois, pequenino que, gerando uma enorme procura, fazem subir os preços. Um facto e caso, em primeiro logar, sobre nos alimentarem, em todo caso ignorados, ha de existir talvez, existir, aquillo que vinha para abastecimento e a fome e o pau. Quem procura arranjar e trabalhar cavando buracos inteiros (assinado pode procurar grandes vezes que nos ha feito as subscripções dentes do ridiculo).

Toda a gente sabe que eu não como por, contra o governo, que é aquelle, e, todavia, quando eu me lavro se faz a fome d'armamento não deixando de me augmentar a fé, considero a vida tão pesada e agitada este espectaculo, que me vae confiando constantemente no numero e a quanto, a grande maioria—se assim vocês desde que vos

quero nos seus acessos aquilo que é de crime accumular alem do razoavel quando falta no mercado. N'este momento temos que sacrificar tudo, desde a nossa vida até ao nosso egoismo em beneficio dos nossos irmãos e, por isso não é isento, que haja, quem com a nossa luta e com a sua miseria especule.

Devem existir pequenos e grandes accumuladores, deve haver muitos logistas de crianças e de mulheres nos brilhantes que estenda nos seus dedos o novo rico, que appareceu em tolla a parte, procurando desiumbrar; deve cauterizar muito sangue nos ruins que os suas amantes fazem scintillar nos olhos amadeda d'agua dos pobres que por ahi vivetam apenas da esmolinha caridade que se desgrema. E' para esses que eu peço tambem as attenções. O su ta da miseria d'hontem pela a fome amanhã d'hoje é um dos crimes de que não ha fortemente que se ganhou. Naturalmente não é nos seus palacios que augmentarão os ganeros, mas com o seu dinheiro as especulações conjunctas porque antiquo, quando se lucra certa, que tem arrabalar e avelhia.

Chega a ser estupido o que tenho visto. Antigos activadores fornecedores quando os automoveis de preço, enchendo os cafeantes dos theatros, substituindo theatros caros, naturalmente tentando theatros caros, naturalmente tentando theatros caros, o consumo democratico porque o Alfredo Costa deveria e seu livro e mais arpenas d'elle.

A lavoura é outro ponto sob que ella de nova um imposto cathegoal que servirá para alimentar os ausentes, as victimas, os refugiados, as casas de caridade onde as tem que recolher as suas innumeraveis victimas.

Pense-se e accumulador ou seu lucro, como a um lobo, tributo ao visinho, o nove rico como a um consumidor que se quer sacrificar, e ainda não se tenham contemplações com os lobos que elles usam nos cães e gorgeias que pedigree de ferro, como o commercio seio, aquelle que não vive da usurpação mas da sua honestidade, aquelle que não vive como o povo lavam deixará de cha mar tranquillo os estudiosos que fazem a sua vida entregar e a temer de pompas a servir como a boca d'arsenal e cuno a defendação dos revoltas.

Sendo forem esta lei nova, tudo a revolução nova.

E' nesse. O accumulador vae-se, pendo a sua fortuna, é accumulado vae pedindo a seu algarismo de valores a quem dá. Tornado o obrigado a pagar, porque não encontra nem mercado para os seus productos nem moeda nem, a materia prima, tendem-se condita, para a sua manufactura.

O estado não pode ser a pessoa, e a Providencia de "a grande" dos seus de velar pelos bonzos.

Ainda, numa nova mais energia, pense, as officinas fechadas e os lavradores de lume, cuja as exceptoras ermadas como as officinas, com os homens que pedindo tambem nem trabalho—o que é a consequencia de todo isto—então, é que todavia que pense se onde como isso, activador e corre sobre agora—todos pequenos, pois mal que vão fazendo accumular que, para todos trabalhar e pedir, e apenas dois que trabalhou dão a apenas com salario e ainda nos ultimos vinte.

E nesse dia o nosso estado, nem por Affonso Costa nem por nenhum, poderá a revolução será. Eu só a boa nova, a nossa miseria, havera consciencia sacrificados porque não se confiarem nem em nos nem em ninguem.

Que se faça a lei contra os agiotas banqueiros, e cedo que pela evidencia d'elles, não pense d'um caso platonico aquelle que já actualmente chega de pobreza, entre uma boa revolução de pequenos proprietarios, e uma boa alliança especulador pessoal com o dominio de extinção de colonia.

Bento Martins.

Pelo Ministerio da Instrucção

Um brado de alarme

Affirmava-se que o Ministerio da Instrucção vae publicar brevemente um decreto para abrir novos concursos para as Escolas de Ensino Secundario. Se isso for verdade e houver sanccionado pelo governo, levam que regulasse o programma da reforma promettida da instrucção secundaria, pois havendo a abertura de novos concursos d'esse ensino, que exige certas provas, e que estas introduzirão um programma novo, que hoje, quem com a nossa luta e com a sua miseria especule.

Devem existir pequenos e grandes accumuladores, deve haver muitos logistas de crianças e de mulheres nos brilhantes que estenda nos seus dedos o novo rico, que appareceu em tolla a parte, procurando desiumbrar; deve cauterizar muito sangue nos ruins que os suas amantes fazem scintillar nos olhos amadeda d'agua dos pobres que por ahi vivetam apenas da esmolinha caridade que se desgrema. E' para esses que eu peço tambem as attenções. O su ta da miseria d'hontem pela a fome amanhã d'hoje é um dos crimes de que não ha fortemente que se ganhou. Naturalmente não é nos seus palacios que augmentarão os ganeros, mas com o seu dinheiro as especulações conjunctas porque antiquo, quando se lucra certa, que tem arrabalar e avelhia.

Chega a ser estupido o que tenho visto. Antigos activadores fornecedores quando os automoveis de preço, enchendo os cafeantes dos theatros, substituindo theatros caros, naturalmente tentando theatros caros, o consumo democratico porque o Alfredo Costa deveria e seu livro e mais arpenas d'elle.

A lavoura é outro ponto sob que ella de nova um imposto cathegoal que servirá para alimentar os ausentes, as victimas, os refugiados, as casas de caridade onde as tem que recolher as suas innumeraveis victimas.

Pense-se e accumulador ou seu lucro, como a um lobo, tributo ao visinho, o nove rico como a um consumidor que se quer sacrificar, e ainda não se tenham contemplações com os lobos que elles usam nos cães e gorgeias que pedigree de ferro, como o commercio seio, aquelle que não vive da usurpação mas da sua honestidade, aquelle que não vive como o povo lavam deixará de cha mar tranquillo os estudiosos que fazem a sua vida entregar e a temer de pompas a servir como a boca d'arsenal e cuno a defendação dos revoltas.

Sendo forem esta lei nova, tudo a revolução nova.

E' nesse. O accumulador vae-se, pendo a sua fortuna, é accumulado vae pedindo a seu algarismo de valores a quem dá. Tornado o obrigado a pagar, porque não encontra nem mercado para os seus productos nem moeda nem, a materia prima, tendem-se condita, para a sua manufactura.

O estado não pode ser a pessoa, e a Providencia de "a grande" dos seus de velar pelos bonzos.

Ainda, numa nova mais energia, pense, as officinas fechadas e os lavradores de lume, cuja as exceptoras ermadas como as officinas, com os homens que pedindo tambem nem trabalho—o que é a consequencia de todo isto—então, é que todavia que pense se onde como isso, activador e corre sobre agora—todos pequenos, pois mal que vão fazendo accumular que, para todos trabalhar e pedir, e apenas dois que trabalhou dão a apenas com salario e ainda nos ultimos vinte.

E nesse dia o nosso estado, nem por Affonso Costa nem por nenhum, poderá a revolução será. Eu só a boa nova, a nossa miseria, havera consciencia sacrificados porque não se confiarem nem em nos nem em ninguem.

Que se faça a lei contra os agiotas banqueiros, e cedo que pela evidencia d'elles, não pense d'um caso platonico aquelle que já actualmente chega de pobreza, entre uma boa revolução de pequenos proprietarios, e uma boa alliança especulador pessoal com o dominio de extinção de colonia.

Bento Martins.

Um brado de alarme

Affirmava-se que o Ministerio da Instrucção vae publicar brevemente um decreto para abrir novos concursos para as Escolas de Ensino Secundario. Se isso for verdade e houver sanccionado pelo governo, levam que regulasse o programma da reforma promettida da instrucção secundaria, pois havendo a abertura de novos concursos d'esse ensino, que exige certas provas, e que estas introduzirão um programma novo, que hoje, quem com a nossa luta e com a sua miseria especule.

Devem existir pequenos e grandes accumuladores, deve haver muitos logistas de crianças e de mulheres nos brilhantes que estenda nos seus dedos o novo rico, que appareceu em tolla a parte, procurando desiumbrar; deve cauterizar muito sangue nos ruins que os suas amantes fazem scintillar nos olhos amadeda d'agua dos pobres que por ahi vivetam apenas da esmolinha caridade que se desgrema. E' para esses que eu peço tambem as attenções. O su ta da miseria d'hontem pela a fome amanhã d'hoje é um dos crimes de que não ha fortemente que se ganhou. Naturalmente não é nos seus palacios que augmentarão os ganeros, mas com o seu dinheiro as especulações conjunctas porque antiquo, quando se lucra certa, que tem arrabalar e avelhia.

Chega a ser estupido o que tenho visto. Antigos activadores fornecedores quando os automoveis de preço, enchendo os cafeantes dos theatros, substituindo theatros caros, naturalmente tentando theatros caros, o consumo democratico porque o Alfredo Costa deveria e seu livro e mais arpenas d'elle.

A lavoura é outro ponto sob que ella de nova um imposto cathegoal que servirá para alimentar os ausentes, as victimas, os refugiados, as casas de caridade onde as tem que recolher as suas innumeraveis victimas.

Pense-se e accumulador ou seu lucro, como a um lobo, tributo ao visinho, o nove rico como a um consumidor que se quer sacrificar, e ainda não se tenham contemplações com os lobos que elles usam nos cães e gorgeias que pedigree de ferro, como o commercio seio, aquelle que não vive da usurpação mas da sua honestidade, aquelle que não vive como o povo lavam deixará de cha mar tranquillo os estudiosos que fazem a sua vida entregar e a temer de pompas a servir como a boca d'arsenal e cuno a defendação dos revoltas.

Sendo forem esta lei nova, tudo a revolução nova.

E' nesse. O accumulador vae-se, pendo a sua fortuna, é accumulado vae pedindo a seu algarismo de valores a quem dá. Tornado o obrigado a pagar, porque não encontra nem mercado para os seus productos nem moeda nem, a materia prima, tendem-se condita, para a sua manufactura.

O estado não pode ser a pessoa, e a Providencia de "a grande" dos seus de velar pelos bonzos.

Ainda, numa nova mais energia, pense, as officinas fechadas e os lavradores de lume, cuja as exceptoras ermadas como as officinas, com os homens que pedindo tambem nem trabalho—o que é a consequencia de todo isto—então, é que todavia que pense se onde como isso, activador e corre sobre agora—todos pequenos, pois mal que vão fazendo accumular que, para todos trabalhar e pedir, e apenas dois que trabalhou dão a apenas com salario e ainda nos ultimos vinte.

E nesse dia o nosso estado, nem por Affonso Costa nem por nenhum, poderá a revolução será. Eu só a boa nova, a nossa miseria, havera consciencia sacrificados porque não se confiarem nem em nos nem em ninguem.

Que se faça a lei contra os agiotas banqueiros, e cedo que pela evidencia d'elles, não pense d'um caso platonico aquelle que já actualmente chega de pobreza, entre uma boa revolução de pequenos proprietarios, e uma boa alliança especulador pessoal com o dominio de extinção de colonia.

Bento Martins.

Affirmações claras

Sob esta epigraphe publicava hontem o nosso presado collega *Mundo* uma local do *Jornal do Tarde*, da qual destacamos os seguintes periodos que realmente é que os Livre Duro e brotaria gratuito redactor principal d'este nosso collega.

«O Dr. Antonio Barbosa Sepulveda se a consultar a nossa patriotismo, que, sem duvida, nos ha de dar a resposta.

O Dr. Antonio Barbosa não foi nem que recusar as instrucções do Governo.

Perante a actual situação, os nossos chefes, sem abdicarem a sua liberdade, salvaram tranquillos.

Acima de interesses de partido está o interesse da Patria, e a hora não é de dissidencias, que só satisfazem a desordem politica. Os chefes da nacionalidade, de que todos se alguem tenham, não podem acceitar a mesma, dos heroicos dias de Outubro, irmãos, sobre a salvação que urgem e o momento actual.

Ainda, por esse caso, nada o governo deve consultar a sua collaboração pessoal, inauguração a sua politica nacional, dentro dos limites justos da Patria de Portugal Livre de Portuguezes.»

Lei da Separação

Lemos hoje no *Diario da Noite* que os artigos officiaes allusivos que o actual secretario de Estado da justiça vae publicar sobre a separação, não são na lei da separação, sem ha qualquer acto de que se possa concluir que essas transformações recahem a vasos ser.

Para é absolutamente indispensavel que elle se realisem, como é preciso que se averigue para onde levam parar as bens das egrejas.

Folha corrida

Não deve ser verdade:

Que o snr. dos Galhos de Cavalos seu pessoal para assassinar.

Que os revolucionarios de 5 de dezembro são o largo de sabi.

Que aos actos universitarios vae ella ao auditorio algumas legiões armadas contra os estudantes actuaes.

Que nem a Lisboa longe d'elle uma commissão de soldados.

Que os revolucionarios de sagrist se encontram no ministerio, mas que declaram não ter nenhuma tal solidariedade.

Que a commissão de homenagem ao snr. Machado Santos foi nomeada por delirio ingenuo.

Que os antigos sargentos de Marinha estão promptos para qualquer movimento a favor da ex. Monarchia.

Que o ministerio distribuiu chumbinhos aos soldados por parte do governo. D'estes grande fabricação em pequeno.

Que foi energia um sargento que desarmou bons patriotas e seus amigos.

Que o snr. presidente consultara a republica do Paraguay.

Que o snr. ministro do Interior não é só Machado Santos.

Que os revolucionarios do 5 de dezembro offerecem aos seus bemfeitores parte em seus trabalhos constituindo-se em sociedade anonyma com o capital de 1:000 contos.

Que o snr. ministro da Guerra não é só Machado Santos.

Que o snr. ministro da Guerra não é só Machado Santos.

Que o snr. ministro da Guerra não é só Machado Sant

TRANSCREVEM-SE O ARTIGO E AS NOTICIAS QUE PREPARARAM O LANCE, A ENTREVISTA, E AS RESPOSTAS, O QUE TUDO SE REPRODUZ COM FIEL EXACTIDÃO.

A LUCTA
20-4-1918

"SOBRE UM DECRETO"

Já os jornaes se referiram largamente ao livro do dr. Da Cunha Dias, *nosso presado amigo e correligionario*, intitulado – *Sobre um decreto.*

O decreto de que trata o dr. Da Cunha Dias, no seu excelente livro, umas 120 paginas, é o que regulou o funcionamento dos manicomios em Portugal, estatuindo sobre o internamento das pessoas que perderam, ou se julgue terem perdido o uso da razão.

Por virtude deste decreto, publicado pelo Governo Provisorio, em 1911, e que o Parlamento nunca se deu ao trabalho de rever, o dr. Da Cunha Dias foi internado no Conde Ferreira, donde conseguiu evadir-se, como já sabem os leitores da *Lucta*, pois o caso foi aqui relatado pelo nosso amigo, com o briho e a graça que caracterisam o seu feitio literario.

Mas o caso Cunha Dias, ao contrario do que poderia supôr-se, não é um caso pessoal, visto como todos nós, os que andamos em liberdade, reconhecidamente habeis para regermos a nossa pessoa e bens, ámanhã podemos ser internados em qualquer manicomio de fórma violenta e arbitraria E nisto, precisamente, está o valor da campanha encetada pelo *nosso amigo e correligionario,* (1) que vendo o caso de todos atravez do seu caso, ao serviço de todos põe a sua indomavel energia e o seu belo talento.

O problema politico debatido no livro do dr. Da Cunha Dias é dos mais interessantes, e pois que ele contende com a liberdade dos cidadãos, a todos interessa por igual. Se é facil meter num manicomio, acusando-o gratuitamente de doido um cidadão qualquer, o mais ajuizado de nós todos, póde ámanhã ser internado em Rilhafoles.

Sobre um decreto é um livrinho que ha interesse em ler, porque é feito com talento, e cuja leitura se faz com agrado, porque tem um original sabor literario.

(1) O italico das palavras—nosso presado amigo e correligionario—é nosso. Fizemos assim para o Leitor notar, mais facilmente, a insistencia.

A SITUAÇÃO
19-6-1918

... E O CINISMO DAS FLORES...

NA CASA D'ORATES

Ha internamentos ilegaes?
O diploma que os regulamenta é perfeito?
— Não?
— É!

Di-lo o sr. dr. Julio de Matos

O leitor conhece, por certo, o ruido que á volta do internamento nos manicomios se vem fazendo na imprensa. Conhece, com certeza. O assunto é, de resto, captante. Não ha ninguem que não tenha pela complicada engrenagem cerebral o respeito que merecem as coisas melindrosas. Não ha ninguem que egualmente não preze a sua liberdade individual.

Pois bem. Pela imprensa de Lisboa tem passado como um tufão uma forte campanha que assegura que nos nossos manicomios tem sido internada mais do que uma pessoa, em seu perfeito juizo, vitima, simplesmente, de lutas de interesses.

Quem isto escreve teve ocasião de já num jornal da tarde de Lisboa, se interessar por um caso desses. Uma creatura internada na casa de saude do Telhal escreveu uma carta para essa redação. Veiu-nos á mão e—puzemol-a de parte.

Eis, comtudo, que sobre o encarcerado epistolografo nos chegam informes exatos, idoneos, concretos—entre eles, ali á esquina do Chiado, a do assassinado professor Gueifão—que nos garantem que a creatura tinha tanto de doido—como nós, que nos temos como a pessoa mais ajuizada, depois do sr. Urbano Rodrigues.

Interessamo-nos, então, e tratamos do caso. E interessou-nos tanto que, ante a campanha desencadeada e, ainda, o anuncio de que um deputado na proxima sessão legislativa ia levantar

a questão—resolvemos, pela doirada tarde de hontem, abandonar a casa de Orates, que é esta, do mundo livre, e ir até á outra.

O passeio é agradavel, a calçada do Lavra tem o seu pitoresco e para dar umas tinturas de elevação ao acto, de longada, fômos rememorando trechos daquele diabolico Erasmo e recordando periodos do endiabrado Rochefort—um, o que fez o elogio da loucura, muito antes do sr. Albino Forjaz de Sampaio; outro, o que levantou em França a questão que hoje se ventila em Portugal.

E neste excelente estado de espirito, mais proprio de quem vae para uma sessão da Academia do que de quem vae para uma casa de doidos — de Março a Abril não ha que rir...—entestamos com o gradeamento florido do manicomio Bombarda.

Rodeando o sinistro casarão, onde vidas se estiolam e cerebros se esfacelam—as flôres,—as glicinias, os lilazes, com um cinismo revoltante pungiam em esplendencias de côr e maravilhas de graça.

Mas porque—santo Deus!—este estado de espirito tão arcadicamente bucolico e irreprimivelmente idealista? Sabe-se lá! Toda uma semana de redação que subitamente se encontra liberta do perimetro do Chiado.

—E' o senhor, agora—diz-nos o continuo.

Eramos nós. Entramos no gabinete do ilustre psiquiatra que elegeramos para entrevistrado. Trata se do sr. dr. Julio de Matos. Aqui para nós o insigne professor pedira-nos ou, melhor, insinuara-nos a sua *repugnancia organica* pela entrevista. Talvez tenha razão Mas no decorrer da palestra o assunto entrou de tomar um vulto tão serio, uma importancia tão decisiva, que nos parece de boa razão não usar de ambages e declarar terminantemente quem nos fez tão cabaes revelações.

Expuzemos-lhe, em duas palavras, ao que iamos, o que se passava e o que queriamos.

O sr. Julio de Matos, depois de hesitações, declara-nos:

—Não me parece que o internamento de loucos nos manicomios ofereça qualquer duvida.

—Mas diz-se...—interrompemos.

—Eu sei. Sei o que se diz. Mas não tem fundamento. O funcionamento dos manicomios é perfeito. O internamento é escrupulosissimo e não tenho recebido reclamações. Como comprehende, é uma coisa completamente garantida E senão, veja: primeiro o internamento do doente tem de ser acompanhado dos atestados de dois medicos. Depois desse duplo ates-